



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III - GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

NEREU SANTANA SILVA

AS VÁRIAS CONSTRUÇÕES SOBRE JOANA D'ARC.

**GUARABIRA, PB
JUNHO DE 2018**

NEREU SANTANA SILVA

AS VÁRIAS CONSTRUÇÕES SOBRE JOANA D'ARC.

Trabalho de Conclusão de Curso ou
Dissertação ou Tese apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em história
da Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do título
de Graduação em História.

Área de concentração: XXXXXXXX.

Orientador: Prof. Dr. Cibelle Jovem Leal.
Coorientador, Prof. Esp. João Maria
Cardoso e Andrade.

**GUARABIRA, PB
JUNHO DE 2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586v Silva, Nereu Santana.
As várias construções sobre Joana D'arc [manuscrito] : /
Nereu Santana Silva. - 2018.
53 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2018.

"Orientação : Profa. Dra. Cibelle Jovem Leal ,
Coordenação do Curso de História - CH."

1. Joana D'Arc. 2. Religião. 3. Inquisição.

21. ed. CDD 928

NEREU SANTANA SILVA

AS VÁRIAS CONSTRUÇÕES SOBRE JOANA DARC.

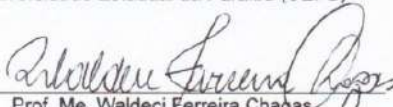
Artigo, apresentado ao Departamento de História do Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba – como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em História.

Aprovada em: 14.06.2018.

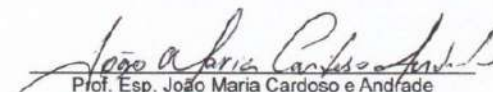
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Cibelle Jovem Leal (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Waldeci Ferreira Chagas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. João Maria Cardoso e Andrade
EEEFM JONH KENNEDY

DEDICATÓRIA

Dedico a minha mãe, pela dedicação, ajudar, companheirismo e amizade. Por tudo que realizar por mim durante a minha passagem neste planeta. A ela dedico com todo o meu amor e satisfação à conclusão de mais uma etapa de meus estudos, sendo desta vez a conclusão de minha formação universitária.

AGRADECIMENTOS

Senhor, nosso Deus dono do tempo e da eternidade, teu é o hoje, e o amanhã, o passado e o futuro. Quero agradecer pelo o que foi possível e pelo o que não foi possível de realizar, pelos que comigo compartilharam da minha vida, do meu trabalho, das minhas dores e alegria.

Neste momento mim dirijo aos professores que contribuíram com minha formação escolar desde o Jardim De Infância até a Acadêmica. Em especial João Maria Cardoso e Andrade, que muito contribuiu com minha formação acadêmica e profissional já que ele foi meu orientador durante tudo o período em que eu estiver no PIBID e meu supervisor em todos os meus estágios e foram quatros, realizado no colégio: E.E.E.F.M. John Kennedy. Á minha orientadora pela paciência de mim, orientar a realizar o meu TCC, obrigado Cibelle Jovem Leal.

Neste momento devo agradecer a minha família, principalmente ao meu pai Maurizio Emídio da Silva, minha mãe Maria Do Carmo Santana Silva, a minha mãe Efigênia que tanto cafune fés neste filho. Devo também agradecer aos meus filhos, Felipe, Joel, Flávio, Fabianno e Flávia, quero que aqui fique registrado o quanto é importante sonhar na vida e que eles vivam seus próprios sonhos.

Aos meus irmãos, Angelita, Sérgio e Maria Ângela. Quero agradecer a Maria Cristina Ferreira Valério, minha atual esposa por ter mim ajudado a chegar até aqui, a Ednalva e que fique aqui a prova de que os sonhos se realizam. Há duas pessoas que muito contribuíram com meu aprendizado e grandes amigos, a Wiltinéa Guedes Patrício de Silva, obrigador pelas vezes que mim emprestou o Notebook e a Gervásio Ponciano dos Santos pelas inúmeras copiam que realizou para mim. Aos funcionários da UEPB, todos eles, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário. Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

Uma das reflexões mais interessantes, no meu modo de sentir, é a de Tomás de Aquino. Foi mais ou menos o que ele disse: Deus criou Eva a partir de uma costela de Adão, não criou a partir da cabeça, nem do pé; se a tivesse criado a partir da cabeça, isso significaria que via nela uma criatura superior a Adão; inversamente, se a tivesse criado a partir do pé, ela seria inferior. A costela é o meio do corpo e esse gesto estabelece a igualdade entre Adão e Eva segundo a vontade de Deus. Jacques Le Goff

AS VÁRIAS CONSTRUÇÕES SOBRE JOANA D'ARC.

Nereu Santana Silva¹

RESUMO

Neste trabalho, o objetivo é realizar uma pesquisa e a busca por uma discussão sobre as várias construções sobre Joana D'Arc e a Guerra dos Cem Anos, através dos séculos, pôde perceber que é uma história que está em constante transformação através de os séculos e hoje, desde que foi construído em meados do século XV, em plena Idade Média, período marcado pela fome, pela peste, muita violência e principalmente pela predominância da religião cristã que muito influenciou na construção da imagem das mulheres, onde a visão sobre as mulheres era determinada pelo poder patriarcal e cristão. Joana D'Arc é a mulher que confrontou a sociedade, a Igreja, o sistema político de seu tempo, e isso contribuíram muito para uma nova ordem econômica e geográfica, desde que ela recuperou todo o território da França. Para entender melhor, realizamos um estudo sobre a Inquisição como um sistema ou instituição que, durante vários séculos, perseguiu milhares de mulheres, e especialmente a jovem Joana, entre outros grupos, devido à condição que a jovem tinha que ver. e ouvir os santos da Igreja Católica, Joana D'Arc tinha 13 anos com a visão de São Miguel sobre a necessidade de fazer novas missões, de Santa Catarina e Santa Margarida, que viriam em nome de Deus para cumprir uma missão, e Dar ordens a Joana D'Arc para liderar a França na Guerra dos Cem Anos contra a Inglaterra, este fato foi usado por representantes da Igreja Católica a serviço do rei da Inglaterra para condená-la à morte. Neste mesmo texto apresentamos textos de grandes historiadores que contribuirão e muito para nosso conhecimento, dos fatos realizados nesse período que a luta se desdobrou para a coroação do Delfin Carlos, futuro rei da França, Carlos VI.

Palavras-chave: Joana d'Arc, religião, Inquisição.

¹ Aluno de Graduação em História na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
Email: nereu2312@Outlook.com

SUMÁRIO

Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
2 CONTEXTO HISTÓRICO DA GUERRA DOS CEM ANOS	14
2.1 Biografias De Joana D´Arc.	18
2.2 Quem Foi Joana D´Arc Na História.....	19
2.3 A Sua Relação Na Guerra Dos Cem Anos.....	20
3 AS VÁRIAS FACES DE JOANA D´ARC	21
3.1 Joana D´Arc, A Discípula.	21
3.2 Joana D´Arc. A Grande General.	23
3.3 Joana D´Arc, Para o Catolicismo.	25
3.4 O Que Motivaram Joana D´Arc a Participar da Guerra.	31
3.5 As Consequências da Guerra Para Joana D´Arc.	32
3.6 Joana D´Arc. A Traição, A Prisão e Julgamento.	35
4 O QUE TÊM A VER JOANA D´ARC COM O ESPIRITISMO KARDECISTA.....	38
4.1 Joana D´Arc, No Espiritimo, o Que Dizem Sobre Ela.	40
5 Na Construção da Educação no Brasil e na Formação dos Professores	45
5.1 Como São os Relatados da História de Joana D´Arc e a História da Guerra dos Cem anos nos Livros Didáticos e no Sistema de ensino Brasileiro?	46
ABSTRACT.....	51
6. Conclusão	
Referências	

1 INTRODUÇÃO

Nos, procuramos realizar essa linha de pesquisa, sobre Joana D'Arc, para podemos entender de uma forma melhor, toda a história sobre ela, já que o pouco de conhecimento que tínhamos sobre a história dela foi adquirido dentro da doutrina Espirita. E por acredita que a ciência e a religião podem andar junto nos dia de hoje já que não poder andar alguns séculos atrás devidos questões de poder. Com esse objetivo e mais a junção de combinar o fato de poder pesquisa a vida de uma mulher e seus feitos durante a Idade Média se tornou meu objetivo de estudo para a conclusão do meu curso de História

O presente texto tem como objetivo levar o leitor a um pensamento crítica e analítica sobre a Guerra dos Cem Anos e sobre Joana D'Arc e sua História. Em que podemos percebê-la enquanto Uma mulher para além dos padrões feminino imposto na sua época em que viveu em, enfrentando os interesses da sociedade de sua época e de todos aqueles que tinham seus interesses contrariados por ela.

Joana D'Arc viveu segundo ela fazendo a vontade de Deus, mais o legado que ela deixou é de que ela realizava a sua vontade, pois jamais cedeu à vontade da Igreja ou de qualquer outro governante.

Foi uma jovem mulher que comandou o exército da França contra os ingleses na Guerra dos Cem anos, e acabou impondo ao rei da Inglaterra várias derrotas durante a Guerra e que teve a sua História construída por longos séculos após á sua morte, imposta pelos seus inimigos através de um processo inquisitório construído pelo rei da Inglaterra e de um Bispo da Igreja Católica, seus inimigos. Esse processo totalmente contaminado de histórias falsas, segundo a própria Igreja Católica que teve que rever todo o processo e acabou revogando mais tarde, assim transformou em Santa da Igreja católica e padroeira e protetora da França.

Com todos esses feitos, foi construída a sua História de que uns dizem ser um mito, criado com a ajuda do povo através dos séculos. Tal construção é o que queremos apresentar já que ainda hoje é construída, por religiosos e todos aqueles que defendem seus interesses. Contra o povo, em publicações de livros e propagandas políticas na França.

Com a chegada do século XX, houve um grande debate sobre a vida de Joana

D'Arc, trazido pela Doutrina Espirita, onde se fez renascer um grande interesse pela História desta mulher que transformou a História da França e da Inglaterra.

2 CONTEXTO HISTÓRICO DA GUERRA DOS CEM ANOS

O historiador Jacques Le Goff, quando reflete sobre as diferenças e as características da própria condição de "ser historiador", afirma que:

Nada aqui distingue, nem deve distinguir o historiador dos outros homens de ciência. Ele deve trabalhar nos seus documentos com a mesma imaginação que o matemático nos seus cálculos, ou o físico e o químico nas suas experiências. É uma questão de estado de espírito e resta-nos aqui seguir Huizinga quando declara que a história não é apenas um ramo do saber, mas também "uma forma intelectual para compreender o mundo" [1936] (LE GOLFF, 1992, p.40).

A partir desta perspectiva, é necessário destacar as questões culturais na Idade Média, principalmente se tratando de fatores relacionados à sociedade da época, no qual se tratava do desenvolvimento, que estava ligado à burguesia, da sociedade patriarcal, das instituições eclesiásticas, entre outros acontecimentos sócios.

No início do século XV, no norte da França era uma fronteira sem leis dos exércitos de saqueadores. Na época, a coroa da França era disputada entre o delfim Carlos (futuro Carlos VI) e o rei inglês Henrique VI. O exército de Henrique estava ocupando grande parte do norte do reino com os burgúndios (leais ao Duque de Borgúndia e aliada dos Ingleses), enquanto a situação do delfim era mais delicada, já que, cinco anos pós a morte de seu pai, ele ainda não havia sido coroado rei da França.

Desde que o Duque da Normândia, Guilherme, o Conquistador, se apoderou da Inglaterra em 1066, os monarcas ingleses passaram a controlar extensas terras no território francês. Com o tempo, passaram a ter vários ducados franceses: Aquitânia, Gasconha, Poitou, Normandia, entre outros. Os Duques, apesar de vassalos do rei francês, acabaram tornando-se seus rivais.

A Guerra dos Cem Anos teve início com a disputa pela sucessão do trono da França, quando o rei francês Carlos IV, que veio a falecer no ano de 1328, sem deixar herdeiros diretos ao trono: foi o fim da longa dinastia capetíngia que teve seu início com o fundador Hugo Capeto, no ano de 987. Com a morte do rei francês, houve dois

pretendentes ao trono: Felipe de Valois e Eduardo III, rei da Inglaterra. Felipe, nobre francês, era sobrinho do também falecido Felipe IV, o Belo.

O inglês Eduardo III era neto, por parte de mãe, do mesmo rei, Felipe IV. Mas, foi rejeitado pelos grandes feudais, na Lei Sállica, que foi criada pelos francos sállicos, ancestrais dos franceses, que proibiu que o trono da França fosse ocupado ou transmitido por linhagem materna. Desta forma, o pretendente francês foi coroado rei Felipe VI, tendo início a dinastia Valois.

Com esta decisão realizada pela Assembléia dos nobres franceses que foi de encontro aos interesses comerciais dos senhores ingleses, pois não garantia aos últimos o livre acesso aos ricos portos de Flandres controlados pela França, pois o local se concentrava diversas manufaturas de tecido, que compravam a lã produzida na Inglaterra: sendo assim, uma enorme fonte de renda a diversos nobres ingleses.

Os comerciantes flamengos apoiaram o rei Inglês, visto que os franceses impunham entraves feudais à lã inglesa que tanto necessitavam. Em 1337, utilizando o pretexto do direito ao trono da França, Eduardo cruzou o Canal da Mancha com vinte mil homens e tomou o controle da região de Flandres.

Com presença mais ou menos generalizada, sem dúvida as duas maiores indústrias medievais foram a da construção e a têxtil. A primeira delas beneficiou-se não só do crescimento populacional, mas também da prática social ostentatória que levava o clero e a cada vez mais e maiores igrejas, mosteiros, castelos. [...]. As comunas, rivalizando entre si, também financiavam majestosos prédios públicos.

A indústria têxtil era ainda mais importante especialmente a de panos de lã. Ainda que praticamente toda cidade de certo porte tivesse suas oficinas têxteis, os maiores centros estavam localizados em Flandres, na Itália e na Inglaterra. A indústria flamenga conheceu seu apogeu entre fins do século XII e XIII, destacando-se principalmente as cidades de Ypres, Gand e Bruges. A lã utilizada era em grande parte importada da Inglaterra, vindo também do exterior os corantes. Essa dependência em relação ao estrangeiro fragilizava aquela indústria, daí ela ter sido muito sensível às flutuações comerciais e às mudanças conjunturais. Assim, apesar de pioneira no ramo têxtil, Flandres não suportou a concorrência de outros centros, e em fins da Idade Média mudou sua produção para tecidos leves, de qualidade inferior e mais barata. (FRANCO. 2006, p.42).

Os referidos textos em destaque têm por objetivo nos ajudar a compreender as reais condições que motivaram a disputa pelo território conhecido como Flandres pertencente à França no início do século XIV. Primeiro é que o rei Eduardo III, da Inglaterra desejava dominar esta região dos Flandres (atuais Bélgica e Holanda), devido ser uma grande produtora de lã, segundo produto de exportação de grande

valor na época, e foi essa ambição que acabou provocando o conflito entre Inglaterra e a França.

Segundo o autor do texto, a questão não era só de quem seria o herdeiro do trono da França, este só foi mais um motivo para se esconder as reais pretensões da Inglaterra, já que a questão principal era de cunhos financeiros, principalmente em uma época em que a economia tinha a sua base em dois pilares, construções civis e nos produtores têxteis.

Sendo esta região bem desenvolvida e que tinha um padrão econômico bem elevado conforme podemos ler no texto e que estavam sujeito às grandes cobranças de impostos, principalmente por ser um corredor de importação e exportação de produtos muito procurados na época, fato esse que é confirmado nos documentos dos processos de Joana D'Arc, onde se têm os registros de que se foi aumentado a cobrança dos impostos desta região para se pagar os custos da compra de Joana D'Arc pelos ingleses, e a solução foi esta pagar com o próprio dinheiro dos franceses.

O resultado desta grande globalização e das trocas econômicas na Europa foi um aumento das desigualdades sócias e política, gerando assim um aumento na violência, roubos e um aumento em todas as formas de transgressão as leis, de uma forma geral, em toda a Europa, já que o empobrecimento da população cresceu de uma forma bem exorbitante.

A Guerra dos Cem Anos, que teve o seu início com a declarada a invasão do território francês pelo exército da Inglaterra que se apodera do território dos Flandres que representava uma grande parte da França naquela época. Desta forma, o rei da França declarou guerra à Inglaterra. Não se tratava de uma guerra entre dois povos construídos em nações diferentes. Muitos ingleses eram normandos, ou seja, franceses que chegaram à Inglaterra com Guilherme, o Conquistador entre o ano de 1028 até o ano de 1087; por outro lado, muitos franceses eram bretões, ingleses que habitavam há muito tempo o norte da França.

Assim, podemos afirmar que era uma guerra entre quase "patrícios", que teve na realidade 116, não foi uma guerra contínua. Sendo, os combates efetivos ocorridos em menos da metade desse tempo, já que houveram momentos intercalados por tréguas ou armistícios.

Na primeira fase, que foi de 1337 até 1422, quando a superioridade militar inglesa foi maior. Em batalhas como a de Ecluse em 1340, a de Crécy em 1346 ou na cidade Poitiers em 1356, onde grande parte da nobreza francesa estava servindo

principalmente na cavalaria e pereceu. Em Poitiers, o rei, Jean ou João II da França, foi capturado. Em 1360, através de um tratado de paz, quase um terço da França passou para o domínio da Inglaterra.

A fome, e a Peste Negra, foram outros fatos acontecidos durante a Guerra dos Cem Anos. Primeiro foi a grande fome, que durou de 1315 até 1317, esse fato contribuiu por década com as más colheitas já que era bastante insuficiente para abastecer a população. Entre 1347 e 1350, a Peste Negra, vinda do leste por mercadores genoveses se agravou em diversas nações da Europa, onde se calcula uma perda de 25 milhões de vida humana ou uma perda de um terço da população europeia da época.

Os primeiros sinais da crise do feudalismo na França. O clima de revolta que dominou muitos camponeses, gerando os Jacqueries, criado pelos nobres franceses. Em 1358, milhares de camponeses tomaram e incendiaram diversos castelos para saquear e assassinar senhores e vassalos. A nobreza reagiu e com o apoio do exército real, que estava em trégua com os ingleses, sufocou a rebelião, onde foi executado, um total de 20 mil pessoas.

Em 1364, a guerra foi reiniciada quando Carlos V subiu ao trono francês. O rei conseguiu reorganizar o exército e retomou grande parte dos territórios dos ingleses. Porém, com a morte do monarca houve uma cisão entre os senhores que disputavam o poder. Surgiram dois grupos: armagnacs e borgonheses.

Outra guerra surgiu desta vez civil, iniciou-se. O estopim da cisão da França foi o assassinato, nas ruas de Paris, de Luís I, o Duque de Orleans, filho de Carlo V, em 1407, arquitetado por João II, Duque da Borgonha, dito "João Sem Medo", primo de Carlos VI e regente interino da França durante as crises de loucura dom rei. João foi morto, em 1411, por homens do rei Carlos VII. Os conflitos políticos entre armagnacs e borgonheses perduraram oficialmente, até 1435.

Após anos de lutas internas, os armagnacs obtiveram o domínio do reino. Os borgonheses, feridos no orgulho, aliaram-se ao inimigo inglês, que voltou a superar os franceses inimigos. Em 1420, o tratado de Troyes pôs o rei da Inglaterra, Henrique V, no trono da França dominada.

Carlos VI da França, foi no início chamado de "O Bem-Amado" e depois de "O Louco". Em 1422, a nação francesa estava dividida: as terras do Norte, sendo a maior parte, sobre o poder da Inglaterra e os borgonheses e as terra do Sul eram dos senhores armagnacs e do rei, ou melhor, delfim, príncipe herdeiro e primeiro da linha

sucessória do trono francês, Carlos de Valois, futuro Carlos VII da França.

Este "rei", aos 19 anos, recebeu uma corte bastante conturbada seu pai, recém-falecido, Carlos VI, que sofria de distúrbios mentais, pouco pode fazer a não ser casar a filha, Catarina de Valois, com o rei inglês, Henrique V, e assinar o vergonhoso tratado que deserdou o filho ao trono. Enquanto sua mãe, Isabel da Bavária, vendo vantagens no domínio da Inglaterra, pôs dúvidas à legitimidade do filho.

O empobrecimento do tesouro real com os gastos da guerra e altas dívidas com os burgueses aumentavam a crise, impossibilitando de se manter um grande exército. Entre os cortesões e palacianos, havia a constante ameaça de conluio com o inimigo e golpe de Estado. Não podendo ser coroado tradicionalmente na Catedral de Reims que estava sobre o domínio inglês, Carlos VII chegou á iminência da renúncia.

[...] o delfim [príncipe herdeiro do trono francês] Carlos, despojado e chamado por irrisão "o rei de Burges (Bourges)", se entrega ao desânimo e á inércia. Faltam-lhe engenho e valor [...]. A França se sente perdida, ferida no coração. [...] que socorro se poderia, com efeito, esperar? Nenhum poder da terra é capaz de realizar este prodígio: a ressurreição de um povo que se abandono. Há, porém, outro poder, invisível, que vela pelo destino das nações. No momento em que tudo parece abismar-se, ele fará surgir do seio das multidões a assistência redentora. Certos presságios parecem anunciar-lhe a vinda. Já, entre outros sinais, uma visionária, Maria d'Avignon, se apresentara ao rei; vira em seus êxtases, dizia uma armadura que o céu reservara para uma jovem destinada à salva o reino. Por toda a parte se falava da antiga profecia de Merlin [médium e sacerdote druida da Antiguidade], anunciando uma virgem libertadora, que sairia de Bois Chesnu [nome do outeiro, com cimo coberto de mata, próximo á casa de Joana]. E como um raio de luz, vindo do alto, em meio dessa noite de luto e de miséria, apareceu Joana. Escutai, escutai! Do extremo dos campos e das florestas da Lorena ressoou o galope de seu cavalo. Ela acorre; vai reanimar este povo desesperado, reerguer lhe a coragem abatida, dirigir a resistência, salvar da morte a França. (DENIS. 2002 p. 28 e 29).

2.1 Biografias de Joana D'Arc.

Joana D'Arc, (Jeanne, no idioma original) veio ao mundo como uma pastora de ovelhas analfabeta. Natural do vilarejo de Domrémy, (hoje Domrémy-la-Pucelle) na França. Nascida por volta de outubro (para outros, no dia seis de janeiro) de mil quatrocentos e doze. Filha de Jacques D'Arc e Isabel Romée, Joana D'Arc, teve três irmãos e uma Irmã. Em um povoado cortado pelo manso rio Mosa (Meuse), na região de Lorena (Lorraine), a alguns quilômetros da fronteira do extinto Sacro Império

Romano-Germânico (onde hoje, ao Leste, está a fronteira alemã), no nordeste da França. A casa paterna, modificada com o passar dos séculos, ainda é visitada por turistas.

A menina, apelidada de Jeannette (Joaninha), Quando adolescente ajudava o pai no trabalho com a terra e na criação de carneiros. Não aprendeu a ler nem a escrever. Seus pais eram os pobres camponeses Jacques D'Arc (1380-1440), e Isabelle Romée (1377-1458). O sobrenome talvez seja uma referência à procedência de seus antepassados paternos: a antiga comuna de Arc (atual Arc-et-Senans), no leste da França, a alguns quilômetros da fronteira com a Suíça.

Joana foi criada seguindo os princípios da fé católica da sua época, e com treze anos de idade, já afirmava que o arcanjo São Miguel, Santa Catarina e Santa Margarida, apareceu numa grande luz e a ordenaram a procurar o príncipe Carlos VII e libertar o povo francês, que estava em poder dos ingleses. Como a história iria provar posteriormente, ela também possuía uma grande coragem física e mental, pois enfrentou todas as dificuldades em um tempo muito difícil.

2.2 Quem foi Joana D'Arc na história.

Pelo relator padre José Bernard e pelo que está no processo sobre Joana D'Arc, ela não poderia estar sob o poder do demônio e ter vivido por mais de seis anos, sempre praticando e vivendo aquilo que estava nos preceitos cristãos praticou. Poderia a Igreja não ter condições de saber sobre a vida de Joana D'Arc, até onde a história nos relata é que a Igreja tinha total controle do povo. Então o que realmente levou a Igreja a aceitar tudo de uma forma passiva? Como pode a Igreja Católica alegar tal desconhecimento do que acontecia com Joana D'Arc?

Joana D'Arc foi uma mulher que como muitas outras que assumiram diferentes lugares e significados ao longo de toda a Idade Média. Como todas as mulheres, ela estava constantemente ligada à palavra pecado, à submissão e à tentação.

Para alguns historiadores o sentimento de nacionalismos tenha nascido através das atitudes tomada por Joana D'Arc durante o tempo que ela esteve à frente do exército francês e principalmente após a sua morte, já que o povo poder perceber que eles eram capazes de lutarem e vencerem os ingleses, assim defendendo suas casas, terras e a própria vida. A Guerra dos Cem anos se não esteve na origem de um

verdadeiro sentimento nacional contribuiu e muito para que esse sentimento nascesse no coração dos franceses e no coração de outros povos.

É muito comum se dizer que Joana D'Arc foi esquecida durante os séculos XVI, XVII e XVIII, e só se tomou uma mulher reconhecida nacionalmente após a Revolução Francesa.

Essa ideia, porém está ligada a um período, após a Revolução Francesa que rejeita a História como categoria referencial e explicativa da sociedade. Neste período houve uma destruição de monumentos, Igrejas, palácios que muitas vezes, era patrocinado pelo próprio governo.

2.3 A sua relação na Guerra dos Cem Anos

Iniciou sua vida pública acompanhada por um tio, Durrand Laxart, um dos poucos parentes que lhe deram crédito a ela naquilo que pregava em relatar sobre suas visões e conversa com os santos e a incentivou. O seu tio a conduziu ao comandante da localidade de Vaucouleurs, que após muita insistência da moça e das pessoas que a apoiavam, e a enviou, escoltada por alguns cavaleiros através de território inimigo, até Chinon, onde estava o ainda não coroado Carlos VII.

Neste momento Joana D'Arc passou a usar roupas masculinas desde o momento de sua partida de Vaucouleurs até sua abjuração em Rouen. Isto motivou debates teológicos em sua própria época e levantou outras questões também no século XX. A razão para a perseguição é vária, desde o rompimento dos valores femininos aos religiosos. O segundo julgamento reverteu à condenação em parte porque o processo de condenação não tinha considerado as exceções doutrinárias referentes ao texto.

Em termos de segurança ela era prudente ao se disfarçar como um escudeiro durante uma viagem através do território inimigo, e era cautelosa ao usar armadura durante a batalha. O Chronique de La Pucelle afirma que isso dissuadiu abuso sexual, enquanto ela estava acampada nas batalhas. O clérigo que testemunhou em seu segundo julgamento afirmou que ela continuava a vestir roupas do sexo masculino na prisão para deter molestamentos e estupro. A preservação da castidade foi outro motivo justificável para travestir-se: suas roupas teriam atrasado um assaltante, e os homens estariam menos propensos a pensar nela como um objeto sexual em

qualquer caso, desta forma Joana D´Arc se utilizava de várias estratégias para poder comandar o exército Francês, se proteger e dentro dos conceitos de seu tempo afrontar a sociedade, com a utilização de roupa masculina.

Os sinais divinos de Joana eram importantes incentivos ao povo francês daquela época, a exemplo da descoberta da espada de Carlos Martel: herói da História da França que barrou o avanço sarraceno, ou islâmico, em 732, golpeando feito um martelo (Martel, em francês) a cabeça do inimigo. Suas vozes lhe comunicam que a espada de Carlos Martel está enterrada na Igreja de Santa Catarina de Fierbois e mostram-na. Aquela ermida era tradicionalmente visitada por cavaleiros e demais militares, que na esperança de curarem seus ferimentos depositavam no local seus gládios. A espada ficou escondida por séculos detrás do altar. (DENIS, 2002, p.51)

Como podemos observar, Joana foi conquistando o povo através de pequenas realizações, como dada pelas vozes que dizia ser dos santos da Igreja católica, em uma época em que o povo acreditava cegamente na religião nada nas justas de acreditar naquela eu se diz cumpridora da vontade de Deus.

3 AS VÁRIAS FACES DE JOANA D´ARC

Durante a Idade Média, a Igreja Católica dominava o cenário religioso. Pois ela era detentora do poder espiritual e determinava o modo de pensar, nas formas de comportamentos da sociedade, no seu tempo presente. A igreja e seus representantes tinham um grande poder econômico devido ser uma das grandes instituições e possuidora de grande contida de Terra.

Desta forma, foi criando um forte laço que ligava o cristianismo com as forma de governo, e se recusar as formas doutrinárias da Igreja medieval era se colocar contra a Igreja já que ela tinha o total poder espiritual, político e econômico de seu tempo presente, controlando totalmente o homem.

.3.1 Joana D´Arc, a Discípula.

Examinemos de mais perto a natureza e o alcance das faculdades de Joana. Há, em primeiro lugar, as vozes que ouvia, tanto no silêncio dos bosques, como no

tumulto dos combates, no fundo da masmorra e até diante dos juizes, vozes frequentemente acompanhadas de aparições, conforme ela própria o diz, no curso do processo, em doze interrogatórios diferentes. Depois, há os numerosos casos de premonição, isto é, as profecias realizadas, anúncio dos acontecimentos vindouros. Antes de tudo: são autênticos estes fatos? Os textos, os depoimentos aí estão copiosos; as cartas, as crônicas abundam. Existe, sobretudo, o processo de Rouen, cujas peças, redigidas pelos inimigos da acusada, dão a seu favor testemunhos ainda mais fortes do que os do processo de reabilitação.

Neste último, os mesmos fatos são atestados sob juramento, pelos conhecedores de sua vida, depondo perante os inquisidores, ou em presença do tribunal. Um exemplo, na ocasião do ataque à Bastilha da Ponte, sobre o rio Liger, diante de Orleans, chegou a alertar um militar inglês chamado Glasdale: ... Relata a se render ao rei dos céus, acrescentando: "Tenho grande compaixão de tua alma!" No mesmo instante, Glasdale cai armado, no Liger, onde se afoga.

As vozes garantiram-lhe a libertação de Orleans e também a abertura do caminho, barrado pelo inimigo, até é sem, onde o rei foi coroado na catedral como exigia a tradição.

Outro exemplo desse incrível fenômeno ocorreu quando Joana tentou escapar do cárcere, que se situava no alto da torre do Castelo de Ruão. Como a corda feita de trapos era curta demais para ir até o chão, ela caiu de uma altura considerável.

A verdade: Em ciência procura-se fazer com que no conhecimento obtido esteja sempre á prova e apoiado na observação dos fatos. A razão é o fundamento da ciência, o que não implica verdade ou superioridade desse saber em relação aos outros. Já na crença religiosa há sempre um espaço para a ambiguidade, que é de outra ordem, porque a verdade é tida como revelação e depende em última instância, da fé. Há ambiguidade porque a razão não pode compreender plenamente as afirmações da religião.

Em que pese ao Doutor Morselli e a tantos outros, a mediunidade não se manifesta exclusivamente nos indivíduos de espírito fraco ou de almas inclinadas á loucura. Há talentos de amplas envergaduras, tais como Petrarca, Pascal, Lafontaine, Goethe, Sardou, Flammarion e quantos mais, pensadores profundos, como Sócrates, homens penetrados do espírito divino, santos ou profetas, que tiveram suas horas de mediunidade, nas quais essa faculdade, latente em todos, se revelou, sendo que, nalguns repetidas vezes.

Joana não era uma alucinada! Certos críticos, entretanto, a acreditaram. A maior parte dos fisiologistas, por exemplo, Pierre Janet, Tr. Ribot, o Doutor Grasset, aos quais convém juntar alguns especialistas em doenças mentais como os Drs. Lélut, Calmeil, etc., não veem na mediunidade senão uma das formas da histeria ou da neurose. Para eles, os videntes são enfermos e a própria Joana D'Arc não lhes escapa às apreciações sob este critério. Ainda recentemente, o professor Morselli, no seu estudo "Psicologia e Espiritismo", não consideraram os médiuns como espíritos fracos ou desequilibrados? É sempre fácil qualificar de fantasia, de sonho, de alucinações, ou de loucuras os fatos que nos desagradam, ou que não podemos explicar. Nisto, muitos cépticos se consideram pessoas bastante criteriosas, quando não passam de vítimas dos seus preconceitos. Joana não era neurótica, nem histérica. Robusta, gozava de saúde perfeita.

3.2 Joana D'Arc, A General.

Joana D'Arc era uma camponesa analfabeta, logicamente não frequentou academia alguma. A assombrosa estratégia, logística e sabedoria que ela tinha estavam, na capacidade de aprender a coisa, sozinha, mostrando assim que era uma pessoa auto didática. Ela sempre residiu na fronteira da França com a Inglaterra e como todo francês nutria um desprezo pelos ingleses, ela pincipalmente por ter sido tirada de seu convívio a sua irmã (morta), quando tinha treze anos de idade em uma das invasões.

Com a notícia do cerco inglês aos Orleans, Joana partiu para Túrones, próximo á Orleans, onde encontrou seu fiel conselheiro religioso, frei Pasquerel, que a acompanhou até ser capturada.

Em Orleans, pela primeira vez, frente aos aparentemente impenetráveis círculos de fortificações dos ingleses, Joana justificou porque, com apenas dezoito anos, e mesmo na condição de mulher, estava no comando de grande parte do exército francês.

A heroína se arroja a toda em uma brida [cavalga em alta velocidade], com a bandeira desfraldada. Eletriza aos soldados e, num ímpeto fascinador, arrasta-os ao assalto. [...] tomou lugar à frente dos guerreiros e, sob uma chuva de projéteis arremessados pelas bestas e colubrinhas, permaneceu de pé á bordo

do fosso, empunhando o estandarte, para manter unidos os combatentes”.

Com esse vigoroso ataque, conseguiu romper as linhas inglesas. Uma a uma as fortificações foram tomadas e em três dias Orleães estava livre do cerco. Depois os combatentes se sucedem, como relâmpagos num céu de fogo. Cada assalto é uma vitória. É Jargeau, é Meung, é Beaugency! Finalmente, em Patay, os ingleses são banidos em campo raso [...]. Em seguida, as tropas libertadoras marcham sobre Remos sobre Remos (Reims) e Carlos VII é sagrado rei da França.

Em dois meses Joana repara todos os desastres; reconstituíra, moralizara, disciplinara, transfigurara o exército e reerguera todas as coragens. (DENIS, 2002, p.96 e 97).

A fama da mulher militante estendia-se também à sua maestria na arte militar. Pois, Joana D’Arc apresentava uma alta capacidade de aprender as coisas, mostrando assim que era uma pessoa auto didática, outra capacidade da jovem era de se colocar por longas horas em treinamento como se costava no alto do seu processo condenatório.

A sua vontade de realizar as mesmas tarefas que seus subordinados ela empunha a se próprios autos treinamentos como permanecer por longo período montado em cavalo, longos períodos sem se alimentar, assim sempre querendo se colocar na condição de uma pessoa que comandava sua tropa pela sua capacidade e bravura.

E, foi desta forma que incutiu um verdadeiro estupor a chefes de Guerra, que se colocaram diante de suas pretensões de reconquistar o território França e de coroar o seu Delfim. Seu grande amigo e admirador o Duque de Alençon disse ainda 27 anos mais tarde: “Joana era simples como um jovem, mas entendia o serviço das armas. Sabia tão bem manejar uma lança, como pôr em ordem um exército e conceber um plano de ataque, em particular no que toca à artilharia. Admirava a todos que ela dispunha tudo com tal segurança e circunspeção como se tivesse guerreado desde vinte ou trinta anos”.

A mesma admiração transparece nas palavras do cavaleiro Thibault d’Armagn! Que participou também da libertação de Orléans: “na disposição e direção de tropas, na ordem de batalha e animação dos homens ela se comportava como o chefe militar mais experimentado do mundo e o maior estrategista de seu tempo”. Era-lhe preciso fazer-se ao mesmo tempo respeitada e amada como chefe; obrigar, pelo ascendente, aqueles mercenários a verem na sua pessoa uma imagem da França, da pátria que ela queria construir.

As sucessivas derrotas fizeram crescer o ódio por aquela que desprestigiou o

rei Inglês e destruiu repentinamente as esperanças de uma conquista completa da França. Os ingleses sentiam-se profundamente humilhados pelo fato de terem sido derrotados por uma menina de 19 anos e quando Joana estava nas mãos dos borguinhões, que afinal eram franceses, havia esperança de estes aceitarem um alto resgate e restituírem-na ao rei da França. Para impedi-lo, os ingleses pressionaram tanto e ofereceu, por sua vez, uma vultosa soma de dinheiro que finalmente a prisioneira foi entregue a eles.

3.3 Joana D'Arc, Para o Catolicismo.

Durante a Guerra dos Cem Anos, a violência esteve presente na vida do povo da Europa Medieval, seja ela através da peste, da fome ou mesmo das Guerras que ocorreram junto com a Guerra dos Cem Anos, como a Guerra Das Rosas.

Entre o século XIV e XV os conflitos e a violência contribuíram para o final da Idade Média. Mais outra forma de violência se desenvolveu a partir do século XIV e principalmente no século XV, que foi a repressão as bruxas (bruxaria).

A Igreja sempre combateu as outras religiões e crenças e as suas práticas popular de tratamentos dê suas doenças e mazelas, todas essas praticas populares eram realizada principalmente por mulheres, e foi através dos mais fracos que a Igreja Católica procurou controlar a sociedade daquela época, chamando tais práticas de mágicas do Diabo, e com medo da bruxaria, ou feitiçaria, acabou levando as pessoas á caça ás bruxas, é assim que se apresenta a Idade Média, como sendo um período de perseguição pela Igreja Católica.

Assim, ressalta a conquista da cristandade no século XII, que vai ter continuidade até o século XIII, definindo território, estabelecendo o casamento como forma de instituição.

Os intelectuais eclesiásticos medievais estavam certos de que a mulher era quem mais se entregava á bruxaria e ás práticas mágicas, pois acreditavam que ela, seja na bondade seja no vício, não conhecia a moderação, poderiam ser virtuosíssimas ou afundar nos piores vícios (KRAMER, 1995, P.113).

O século XIII foi um palco de grandes transformações na civilização ocidental, no qual a Igreja Católica encontrava-se toda poderosa nos rigores de sua doutrina religiosa, iniciando a perseguição aos hereges, pecadores e demais populações

considerados um perigo à instituição eclesiástica; dentre estes, as mulheres no espaço público, fora do considerado ambiente natural. Além da força que a Igreja estava adquirindo, as mudanças que esse período retrata encontram-se nas atividades agrícola, no comércio, nas artes, no aparecimento da intelectualidade, no surgimento das universidades, conseqüentemente, no desenvolvimento e avanços da filosofia e leitura.

Durante os séculos XI, XVI, E XVII, na Europa, era comum a denúncia de que a vizinha era bruxa, e por ter feito pacto com o demônio, por isso mais de 100.000 pessoas, a maioria mulheres, foram julgadas e trucidadas pelos tribunais seculares e eclesiásticos, em diferentes partes da Europa, pela suposta prática de magia maléfica e adoração ao Diabo.

No dia 5 de dezembro de 1484, Papa Inocêncio VIII emitiu um documento condenando a feitiçaria. Ele também nomeou dois inquisidores para combater o problema: Jakob Sprenger e Heinrich Kramer (também conhecido pelo seu nome em latim, Henricus Institoris). E tanto governos católicos como governos protestantes promoveram a caça às bruxas, e, em algumas regiões os governantes protestantes foram mais severos que os católicos.

Elas além de sofrerem as maiores torturas por parte da Igreja, elas eram condenada a morte, e não era permitida ao acusado nenhuma assistência prescrita pela lei. Não era necessário provar que a pessoa acusada de feitiçaria era culpada. As acusadas, geralmente mulheres, deparavam-se diante de um grupo masculino que não vacilava em mandar desnudá-las, no intento de encontrar presumíveis marcas que viessem a confirmar suas condições de bruxas, o que corroboraria com sua natureza de mágicas. Os julgamentos serviam “apenas para fazer o acusado confessar por meio de persuasão, pressão ou força”. Muitas vezes se usava a tortura.

Quase 80% dos acusados eram mulheres. Muitas delas eram viúvas, que geralmente não tinham quem as defendesse. As vítimas incluíam pobres, idosos e mulheres que preparavam remédios à base de ervas, principalmente se esses não tivessem o efeito esperado. Na verdade, ninguém estava realmente seguro, fosse homem ou mulher, pobre ou rico, humilde ou nobre.

As pessoas que eram consideradas bruxas levavam a culpa de toda coisa ruim que acontecia. Elas supostamente “causavam geadas e pragas de caracóis e lagartas para destruir sementes e frutos da terra”.

A magia era considerada como uma heresia, renegação da fé cristã, então, por

meio dele, parecia-lhes viável identificar os hereges ou quem renunciava a sua fé.

Sim, foi através da representação de um Bispo da Igreja Católica Romana, a pedido do rei da Inglaterra que Joana D'Arc, foi julgada e condenada a morte na fogueira da inquisição, já que ele não poderia viver no mesmo planeta em que uma mulher lhe imputou grandes derrotas militares ao rei Inglaterra, na época uma derrota Política, econômica e moral, não só para o rei como para a Igreja Católica, já que ambos se diziam representante de Deus no Planeta Terra, e uma mulher se colocarem entre eles e diz que ela era uma representante de Deus também no Planeta Terra.

Durante a Idade Média, a Igreja Católica dominava o cenário religioso. Pois ela era detentora do poder espiritual e determinava o modo de pensar, nas formas de comportamentos da sociedade, no seu tempo presente.

Desta forma, foi criando um forte laço que ligava o cristianismo com as formas de governo, e se recusar as formas doutrinárias da Igreja medieval era se colocar contra a Igreja já que ela tinha o total poder espiritual, político e econômico de seu tempo presente, controlando totalmente o homem e as mulheres. Desta forma a sociedade predominante garantiu seus valores com a eliminação dessas pessoas.

A sexualidade feminina diante a sociedade medieval, resulta da grande influência das doutrinas cristãs, nas quais os ensinamentos e discursos são dirigidos à mulher reclusa ao ambiente privado, no convívio de auxiliar do homem e submissa. No casamento, o único papel da mulher no meio social é cuidar do marido e dos filhos, e a sua relação sexual é basicamente para procriação, ou seja, como o surgimento do casal "homem e mulher" no século XII, o casamento será estabelecido no século XIII como a "instituição do casamento cristão, monogâmico e indissolúvel" (LE GOFF, 2008, p.63).

A sexualidade feminina, em especial a partir do século XII, a esteira da representação do corpo feminino e de todo o seu percurso com relação às práticas sócias, culturais e de poder perante a sociedade medieval, é representada, de acordo com os discursos preconceituosos, imposto sobre a mulher com a legitimação da doutrina religiosa.

Joana D'Arc foi uma mulher que como muitas outras que assumiram diferentes lugares e significados ao longo de toda a Idade Média. Como todas as mulheres, ela estava constantemente ligada à palavra pecado, à submissão e à tentação.

Podemos acrescentar que Joana D'Arc nunca foi vítima de obsessão, pois que seus Espíritos não intervêm senão em certos momentos e, sobretudo quando os

chama, ao passo que a obsessão se caracteriza pela presença constante, inevitável, de seres invisíveis. Todas as vozes de Joana tratam de sua grande missão; jamais se ocupam com puerilidades; sempre tem razão de ser o que fazem ouvir, não se contradizem, nem se mostram eivadas das crenças errôneas do tempo, o que teria cabimento, se Joana fosse predisposta a sofrer de alucinações.

V. após a nossa morte, o gênio (daimon, demônio), que nos fora designado durante a vida, leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao Hades, para serem julgados. As almas, depois de haverem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos.

VI. Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da Terra; constituem o laço que une o Grande Todo a si mesmo. Não entrando nunca a divindade em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses entram em comércio e se entretêm com ele, quer durante a vigília, quer durante o sono.

A palavra daimon, da qual fizeram tomada a má parte, como nos tempos modernos. O termo demônio, não era, na antiguidade, tomada à má parte, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres malfazejos, mas todos os Espíritos, em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados deuses, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que comunicavam diretamente com os homens. (KARDEC, 1995, p.46).

Le Goff entende que o imaginário pertence ao campo da representação, mas ocupa nele a parte da tradução não reprodutora, não simplesmente transporta em imagem do espírito, mas criadora, da poética no sentido da palavra (Le Goff, 1994).

Em todos os tempos houve médiuns naturais e inconscientes que, pelo simples fato de produzirem fenômenos insólitos e incompreendidos, foram qualificados de feiticeiros e acusados de pactuarem com o diabo; foi o mesmo que se deu com a maioria dos sábios que dispunham de conhecimentos acima do vulgar. A ignorância exagerou seu poder, muitas vezes, eles mesmos abusaram da credulidade pública, explorando-a; daí a justa reprovação que os feriu.

Em que pese ao Doutor Morselli e a tantos outros, a mediunidade não se manifesta exclusivamente nos indivíduos de espírito fraco ou de almas inclinadas à loucura. Há talentos de amplas envergaduras, tais como Petrarca, Pascal, Lafontaine, Goethe, Sardou, Flammarion e quantos mais, pensadores profundos, como Sócrates, homens penetrados do espírito divino, santos ou profetas, que tiveram suas horas de mediunidade, nas quais essa faculdade, latente em todos, se revelou, sendo que, nalguns repetidas vezes.

Na Idade Média, os médicos eram solicitados a participarem da caça a bruxas,

sendo encarregados de distinguir com precisão os fenômenos manifestados pelas possuídas, traçar um diagnóstico diferencial entre uma doença conhecida, uma simulação ou um caso de possessão demoníaca. Trata-se de uma exigência bastante delicada, pois se evoca tanto o diagnóstico da epilepsia, quanto da histeria ou da possessão.

Na Idade Média, domina a fulgurante figura de Joana D'Arc, a grande médium que se deixou imolar na fogueira por não querer renegar as vozes espirituais que ouvia e das quais recebia orientação para o difícil papel desempenhado em tão árdua circunstância. Sua história é demasiado divulgada. Durante os séculos medievais, toda pessoa suspeita de atividade mediúnica era declarada sumariamente discípula do demônio, torturada para confessar isso e apontar cúmplices, e executada para que sua alma pudesse ser salva... (RIZZIINI, 1996, p. 27).

Era uma época em que as crenças as bruxas obcecava os homens mais ponderados. De Joana ouviam-se boatos tão exagerados e estranhos, que só podiam, segundo a mentalidade daquele tempo, serem interpretadas como ações diabólicas, provas convincentes de que a misteriosa guerreira era uma bruxa e como tal só podia expiar seus crimes na fogueira. Homens como esse colocava de lado o princípio da Igreja Católica em busca de poder e dinheiro, deixam de lado as práticas de sua fé, que era a comunicação com os anjos, os mortos e a comunicação entre os dois mundos, realizado até os dias de hoje e que fazemos questão de não reconhecer devido às religiões.

Para a Igreja Católica, da época de Joana D'Arc era uma bruxa e praticava heresia, e proclamava atos de blasfêmia contra a Igreja Católica, e por receber tais mensagens, assim considerada bruxa, praticante de bruxaria, ela foi levada pela Inquisição para julgamento e uma posterior condenação na fogueira da Inquisição. Além disso, sua condenação foi previamente acertada, pois, para os ingleses e partidários, o crime da virgem estava mais no campo da política do que no da religião: necessário era destruir o principal incentivo moral da resistência nacional francesa.

Julgar Joana D'Arc por crime de bruxaria e heresia competia ao tribunal da Inquisição. As leis eclesiásticas exigiam em tais processos a presença do bispo e do inquisidor. Mas o inquisidor tinha desaparecido. Tudo faz crer que ele reconheceria os fins políticos do processo e não queria ser implicado em causa injusta. Cauchon dirigiu-se, pois ao representante do inquisidor, o prior dos frades dominicanos, Jean Le Maistre. Este respondeu que não tinha poderes jurídicos, nem queria agir no caso,

tão pouco levantaria protesto se o bispo agisse sem sua participação.

Tal procedimento muito realizado pela Igreja Católica Apostólica Romana se torna uma forma de visão que é criado sobre as mulheres e é determinado pelo poder patriarcal e cristã, e a forma de combater a todas as outras religiões e pessoas que tinham um conhecimento e pensamento diferente da Igreja Católica Apostólica Romana.

Desde os primeiros momentos da História da mulher, pode-se observar a insistência com que se recorre ao pensamento dos teóricos antigos e medievais sobre a condição feminina para afirmar a submissão da mulher medieval.

Como mulher, ela desempenha papéis contrários dos determinados em sua sociedade na época, são várias as dificuldades que elas tinham. Na educação, as mulheres camponesas não tinham acesso, exceto as mulheres nobres e mesmo assim tinham sua educação controlada pelos homens que determinava o que ela poderia aprender. Era uma época em que as mulheres viviam para se casar, ter filhos e servir aos homens, eram verdadeiro objetos de submissão, primeiro de seu pai e depois se tornava objetos de seu marido, de seu cunhador ou de seu filho quando seu marido morria assim ela estava sempre submissa ao sexo masculino, nunca deixava esta submissão.

O processo de reabilitação de Joana, iniciado alguns anos após o suplicio, contribuiu para a queda da Inquisição no país. A total retratação da Igreja, porém, só aconteceu no século XX, com a canonização (fato esse irrelevante para o agrado do Espírito Joana D`Arc, que se atem mais aos sentimentos sinceros, do que aos formalismos religiosos).

Joana ainda teve que suportar muitas humilhações e sofrer exame feito por matronas, para verificação de sua pureza [virgindade fisiológica]. [...] comparece diante de uma comissão de inquérito, composta de uma vintena de teólogos [...]. (DENIS, 2002, p. 28).

Por séculos, a teologia católica considerou o sexo e o prazer gerado por ele como uma coisa impura, pois a sexualidade feminina no medievo era considerada como um ato desviante no meio social, pois, para a Igreja, a mulher deveria permanecer pura, ou manter relações sexuais após o casamento, com a finalidade de procriação. As mulheres não tinham o direito ao prazer sexual, uma vez que a sociedade masculina era incumbida de não deixa-la ter orgasmo. E a sociedade do século XV exigia que a "Representante de Deus" fosse virgem. E, é através dos

séculos que a virgindade da mulher esta ligada a religião. Na cultura greco-romana, as vestais eram sacerdotisas, dos templos da deusa Vesta, que obrigatoriamente, tinham que ser virgens para guardar o fogo sagrado, do qual garantia a segurança e bem-estar da nação.

Entretanto, á época de Joana D´Arc e do catolicismo medieval, esse indício de "Pureza física" era um fator imprescindível, que validava Joana, mulher solteira, deveria ser virgem para ser vista como "pura". Era um belo espetáculo [...] vê-la disputar, ela, mulher, contra os homens; ignorante, contra os doutores, só, contra tantos adversários." (DENIS, 2002, p. 28).

Sim, é muito bonito presenciar tal acontecimento, mais é também muito perigoso, pois assim como Joana D´Arc, Jesus e, que realizaram tal fato contra homens religiosos e poderosos, acabou sendo executado por eles, ou por ordem deles, devido se sentir ferido em seu orgulho e no seu poder, que no fundo eles sabem que não tem. Sempre acabam realizando tal barbaridade em nome de Deus.

Em 1456, Joana D´Arc foi considerada inocente pelo Papa Calisto III e o processo que a condenou foram considerados inválidos. Quase cinco séculos após sua morte, a Igreja Católica autorizou sua beatificação no dia 18 de abril de 1909. Em 1920, foi canonizada pelo Papa Bento XV. Nesse mesmo ano, ele também se tornou santa padroeira da França.

3.4 O Que Motivaram Joana D´Arc a Participar da Guerra.

Podemos relacionar vários fatos que poderiam levar Joana D´Arc a quere participar da Guerra, como fato que foi realizado quando ela era criança, em que ela presenciou o assassinato de sua irmã mais velha por soldados ingleses que invadiram a vila em que ela morava, ou quando Joana D´Arc tinha 13 anos de idade começou ater visões de São Miguel que lhe falava sobre umas novas aparições, que seriam as de Santa Catarina e Santa Margarida que viriam em nome de Deus para cumprirem uma missão, e dar as ordens a Joana D´Arc para lidera a França na Guerra dos Cem Anos contra a Inglaterra.

Joana D´Arc, desde a infância teve poderes místicos, pois eram três, que lhe ajudaram a anunciarem e realizar a vontade divina de liberta a França do domínio

inglês.

A jovem Joana procurou o chefe militar da região onde nasceu, Robert Baudricout, que lhe ajudou a chegar à presença do Delfim Carlos VII, que estava afastado da sucessão do trono da França devido o tratado de Troyes.

3.5 As Consequências da Guerra Para Joana D´Arc.

Uma das consequências da guerra para Joana D´Arc foi os ferimentos de combates, a exemplo do dardo que a acertou no ataque a cidade de Tourelles, fato previsto por ela na véspera do combate: "Amanhã sairá sangue de meu corpo", fato esse realizado pelo dom de premonição.

A história de Joana é bastante conhecida. Interessa-nos mais observar a maneira como o seu processo de condenação foi conduzido. Ele foi iniciado a nove de Janeiro de 1431 por Pierre Cauchon. Além desse religioso, tomaram parte como acusadores Jean Le Maistre, da Ordem dos Dominicanos, Jean Gravenet, inquisidor, profundo conhecedor das escrituras, Thomas de Courceles, reitor da Universidade de Paris, dois frades mendicantes, Martin Ladvenu e Isembard de La Pierre. Muitos bispo e cardeais ingleses participaram no processo. Na verdade, os acusadores faziam parte dos inimigos de Carlos VII. Procuraram provar que a "Donzela" era herege. (MACEDO. 1999; p.87).

Na primavera de 1430, Joana retoma a campanha militar e tenta libertar a cidade de Compiégne, dominada pelos borgonheses, aliados dos ingleses. É presa em 23 de maio de 1430, e vendida aos ingleses cujo objetivo era que ela fosse julgada pela santa Inquisição, o mais elevado tribunal da Igreja Católica. O tribunal reuniu-se pela primeira vez em fevereiro de 1431. Na cidade de Ruão.

Tendo um caráter religioso e político, o processo de condenação de Joana D´Arc, foi uma das consequências adquirida por Joana durante a Guerra dos Cem Anos. Com a presença do Bispo, um partidário do Duque de Borgonha, aliado á Inglaterra.

Seu julgamento foi uma verdadeira tortura, acusada de herege e feiticeira, depois de meses de julgamento é queimada viva, no dia 30 de maio de 1431.

Ele foi iniciado a nove de janeiro de mil quatrocentos e trinta e um, por Pierre Cauchon. Além desse religioso, tomaram parte como acusadores Jean Le Maistre, da ordem dos Dominicanos, Jean Gravenet, inquisidor, profundo conhecedor das escrituras, Thomas de

Courceles, reitor da universidade de Paris, dois frades mendicantes, Martin Ladvenu e Isembard de La Pierre. Muitos bispos e cardeais ingleses participaram no processo. Na verdade, os acusadores faziam parte dos inimigos de Carlos VII. Procuraram provar que a "Donzela" era Herege.

O processo teve ao mesmo tempo caráter religioso e político. Religioso, porque procurou examinar os fundamentos da fé de Joana, acusada, além de heresia, de bruxa. Político, porque a condenação ou a absolvição teria peso considerável no resultado do conflito franco-inglês. Se culpada, Carlos VII poderia ser acusado de recorrer aos serviços de uma bruxa, de ser auxiliado pelos poderes maléficos da magia negra. (MACEDO, 1999, p. 87 - 89).

Podemos observar que o objetivo de tais acusações, era bem claro, de que Joana era culpada. Entre o dia 21 de fevereiro de 1431 e 17 de março de 1431, esse grupo de religiosos fizeram vários interrogatórios, em busca de algo que pudessem incriminá-la e não realizando o seus objetivos. Mas pode se observar no processo a insistência dos acusadores em colocar a conduta pessoal da acusada, como as supostas "visões". São inúmeras vezes, que realizam a pergunta sobre a maneira, a aparência e as circunstâncias das aparições de Santa Catarina, Santa Margarida e São Miguel.

Entretanto os juízes exploraram um ponto fraco na conduta da acusada que não estava obrigatoriamente ligado ao problema religioso. Atacaram-na levando em conta certos hábitos pessoais, dos quais o principal consistia na preferência pelo uso de roupas masculinas. (MACEDO, 1999, p.88).

Realmente, esse era o ponto fraco de Joana, pois lhe trazia questões de afronta aos costumes de sua época, já que como mulher, ela chefiou homens. Vestia-se e armou-se como eles. Durante todo o processo ficou bem claro que tais fatos tornaram-se o fundamental na ação de acusação e determinante na condenação.

Julgar Joana por crime de bruxaria e heresia competia ao tribunal da Inquisição. As leis eclesiásticas exigiam em tais processos a presença do bispo e do inquisidor. Mas o inquisidor tinha desaparecido. Tudo faz crer que ele reconheceu os fins políticos do processador e não queria ser implicado em causa injusta.

Cauchon dirigiu-se, pois ao representante do inquisidor, o prior dos frades dominicanos, Jean Le Maistre. Este respondeu que não tinha poderes jurídicos, nem queria agir no caso, tão pouco levantaria protesto se o bispo agisse sem sua participação. (BERNARD. 1961, p.39).

Para os inquisidores de Ruão, Joana tinha realizado um grande pecado, já que as escrituras proibiam a mulher de se vestir dessa maneira, pois ao usar roupa

masculina ela tinha abandonado a vida e os hábitos femininos. Na verdade, o problema não era a roupa que usava como já relatamos ela liderou homens, alcançando grandes feitos onde homens anteriores a ela só obtiveram fracassos. Rompendo com a ordem natural de sua época e das coisas. A sua fé inabalável e o seu carisma a levou a desempenhar um papel até então não desempenhado por uma mulher, criando assim uma situação de inversão nos costumes de sua época, e os seus inquisidores perceberam isso.

Em um processo condenatório que teve o caráter religioso e político. Religioso, porque procurou desqualificar a fé de Joana, acusando de heresia, de bruxaria, praticas muito comum neste caso da inquisição. Política, porque a condenação ou absolvição poderia interferir no resultado do conflito já que não havia terminado, fato esse que não se realizou, lê do risco de Carlos VII ser acusado de recorrer aos serviços de uma bruxa, tudo os meios poderiam ser utilizados por pessoas que apresentava uma falência moral bem grande já que apresentavam grandes conhecimentos sobre a Bíblia, como explicar que esse grandes homens da Igreja não tinham o conhecimento dos ensinamentos de Paulo de Tarso. O Apóstolo Paulo, na 1ª Epístola aos Coríntios, CAP. XII, que lembra as diversidades de dons, e, portanto a diversidade de muitas operações realizadas pelos médiuns e ele ainda acrescenta "A manifestação do espírito é dada a cada um para o que for útil." Segundo a Doutrina dos Espíritos.

O objetivo do processo foi, portanto, bastante claro: provar que a acusada era culpada. Entre 21 de fevereiro de 1431 e 17 de março de 1431 os religiosos interrogaram-na diariamente, extraindo detalhes mínimos que pudessem incriminá-la. De 17 a 27 de março de 1431 foram lidos e revistos os itens da acusação. Entre 23 e 29 de maio de 1431 foi proferida a sentença, condenando-a. Joana foi queimada em praça pública. (MACEDO. 1999; p.88).

Em um processo feito as carreias, onde se poder ver claramente a falta de uma defesa e a falta de um esclarecimento dos fatos com o conhecimento que poderiam ser encontrado no Novo Testamento trazido por Emanuel e muito bem esclarecida por Paulo de Tarso em sua Epístola Igreja do caminho. A condenação de Joana D'Arc e o ponto alto daquilo que o homem faz quando colocar os seus interesses sobre a vontade Divina.

Observando o processo, notamos a insistência dos acusadores sobre alguns aspectos da conduta pessoal da acusada. Continuamente procuraram colocar em evidência as supostas "visões". Inúmeras

vezes perguntaram sobre a maneira, a aparência e as circunstâncias das aparições. Santa Catarina, Santa Margarida e São Miguel apareceram á acusada quantas vezes? Qual a aparência que tinham? O que falaram? Falaram contra ou a favor dos ingleses? Este foi o principal tema do processo. A veracidade das visões isentaria a acusada. (MACEDO. 1999; p.88).

A sentença foi dura, pois a consideraram cismática e idólatra. “A “sua primeira condenação, por uso de roupa masculina, foi á de prisão perpétua” com pão de dor e água de tristeza”. As roupas masculinas foram substituídas pelas do seu sexo e os cabelos cortados. Alguns dias depois, ela foi encontrada novamente com roupa de homens, considerada herege incorrigível, indigna de toda misericórdia, foi então queimada na fogueira em praça pública no dia 30 de maio de 1431, em Ruão.

Joana não foi queimada porque voltou a vestir-se como homem, mas porque voltou a defender um comportamento indesejável e perigoso aos seus inimigos, em sua época, já que provocava medo aos militares da Inglaterra e raiva ao seu rei, por ter medo que Joana se junta com o povo que tanto há admirava e toma – ser o seu torno.

As restrições à liderança de uma mulher, religiosa, foi apresentada por homens da Igreja. Esse fato de ela ter sido mulher, e de não se comportar como tal, pesou bastante na sua condenação.

3.6 Joana D´Arc. A Traição, A Prisão e Julgamento.

A Guerra dos Cem Anos quase varreu da Europa o território Francês cobiçado pelos reis e nobres ingleses. Após décadas, o lado da França começou a retomar suas terras, e levantar o ânimo da pátria, graças ás vitórias lideradas pala jovem Joana D´Arc: por alguns chamados “virago”, a enviada e inspirada, constantemente, por anjos e santos (Espíritos de moral elevado).

Com a retomada das cidades importante como Orleans, Champanhe e Reims, a sua sorte pareceu abandoná-la nos primeiros e frios meses de 1430, quando não mais obteve vitórias (apesar do incentivo das “vozes”). Os seus verdadeiros inimigos não eram os ingleses e sim seus aliados. A elite francesa (incluindo o rei) aos poucos preludiaram a traição através da displicência, inveja e intrigas contra Joana. Por exemplo, o sítio a Paris (o “coração” da França), sob o domínio inglês, dentre outros reveses internos, teve que ser abandonado diante da recusa ao pedido de envio de

reforços e mantimento feitos pela Pucela.

Por fim, Joana D'Arc, foi capturada em Compïenha pelos homens de João II de Luxemburgo, Conde de Ligny, do Partido da Borgonha, aliado dos Ingleses. Na ânsia de se ver encarregado do processo, Cauchon não hesitou em compra-la. Ofereceu uma enorme soma (1.000 táleres e mais 300 libras de renda anual), para que Joana fosse entregue aos ingleses. Estes por sua vez retribuíram o valioso serviço e lhe confiaram a organização e direção da ação judicial contra Joana D'Arc a Cauchon, que logo começou a agir.

João de Luxemburgo descendia de alta linhagem; era, porém, mesquinho de coração e falto de fortuna. [...] não pode, conseqüentemente, recusar as dez mil libras em ouro que o rei da Inglaterra oferecia. Por esse preço, vendeu Joana e a entregou. Dez mil libras em ouro! Era uma soma enorme para a época. Os ingleses, entretanto, estavam balidos de recursos; [...] Desde, porém, que se tratavam de comprar Joana, os ingleses acharam meio de obter tão grossa quantia. Que fizeram para Isso? Uma coisa que lhes era familiar: lançaram pesado imposto sobre toda a Normandia [região noroeste da França]. E eis um fato que merece assinalado: com dinheiro francês é que o sangue de Joana D'Arc foi pago! (DENIS, 2002, p.119 e 120).

Embora, porém, nenhuma conspiração tenha tramado previamente contra Joana, nem por isso deixou de haver traição, uma vez que G. de Flavv [governante de Compïenha] não tentou sequer salvá-la. Encurralada pelos borgonheses no ângulo da estrada de Margny com o baluarte que defendia a ponte, a alguns metros da entrada da entrada, a heroína podia ser facilmente socorrida. No momento crítico, o comandante de Compïenha ocupava o baluarte com muitas centenas de homens. Observando tudo o que se passava, nenhuma tentativa de socorro fez e abandonou a donzela á sua sorte. Nisto é que a traição parece flagrante.

... Conduzem-na á sala de torturas [para que "confessasse" ser uma bruxa]. Lá se acham os torturadores com os apetrechos sinistros. Preparam os instrumentos; incandescem os ferros. Joana re4ssuiste. Defende a França e o ingrato rei que a abandonou [...]. Deixaram de tortura-la, não por piedade, mas porque, no estado de franqueza física a que chegara, ele evidentemente expiaria durante os tormentos e o que se queria era uma morte pública, um cerimonial espetaculoso, de molde a impressionar a massa popular. Os juízes nada se esqueciam do que pudesse fazê-la sofrer. Num requinte de crueldade, compraziam-se em lhe descrever os horrores do suplício do fogo. Ora, este era o martírio que Joana mais particularmente temia: "Preferia que me decapitassem", dizia, "a ser assim queimada.". (DENIS, 2002, p.141 e 142).

Abandonada pelos franceses da nobreza, o povo simples e as vozes dos Espíritos amigos, porém, nunca a abandonaram. Estas He diziam para ter paciência, pois logo seria libertada vitoriosamente. Referiam-se à libertação do Espírito através do martírio sobre a “prisão carnal”, contudo, na sua ingenuidade de camponesa que seria solta da prisão feita de ferro e pedras.

A Sentença:

“que a mulher comumente chamada de Jeanne La Pucelle”... Será denunciada e declarada feiticeira, adivinha pseudoprofeta, invocadora de maus espíritos. Conspiradora, supersticiosa, implicada na prática de magia e afeita a ela, teimosa quanto à fé católica, cismática quanto ao artigo Unam Sanetam, etc., e, em diversos outros artigos de nossa fé, cética e extraviada, sacrílega, idólatra, apóstata, execrável e maligna, blasfema em relação a Deus e Seus santos, escandalosa, sediciosa perturbadora da paz, incitadora da Guerra, cruelmente ávida de sangue humano, incitando o derramamento do sangue dos homens, tendo completa e vergonhosamente abandonado às decências próprias de seu sexo, e tendo imodestamente adotado o traje e o status de um soldado; por isso e por outras coisas abomináveis a Deus e aos homens, traidora das leis divinas e naturais e da disciplina da Igreja, sedutora de príncipes e do povo, tendo em desprezo e desdém a Deus, consentido em ser venerada e adorada, dando as mãos e a roupa para serem beijadas, herege ou, ou de qualquer modo, veementemente suspeita de heresia, por isso ela será punida e corrigida de acordo com as leis divinas e canônicas...”.

Mãos inglesas seguraram-na rudemente e a impeliram em direção ao cadafalso, para onde a ergueram e onde a estaca e os feixes de lenha estavam á sua espera. Era feito de estuque e muito alto, tão alto que o carrasco teve dificuldade em alcança-la e foi incapaz de fazer seu trabalho rapidamente.

[...] puseram-lhe um chapéu alto de papel, como uma mitra, contendo as palavras: Herege, relapsa, apóstata, idólatra...

La Pierre, a pedido dela e enviado por Masieu, foi buscar o crucifixo na igreja próxima de Saint-Sauveur e, subindo o cadafalso, segurou-o á sua frente. Joana lhe disse que descesse quando o fogo fosse acesso, mas que continuasse a segurar o cruxifixo no alto para que ela pudesse vê-lo.

“Ah, Rouen! Tenho grande medo que tenhas de sofrer pela minha morte” então, enquanto as chamas estalavam e subiam, ela chamou Jesus repetidamente e em voz alta; sua cabeça caiu para frente e foi à última palavra que a ouviram pronunciar... “Para que não houvesse nenhuma dúvida possível quanto á morte da feiticeira- pois os ingleses tinham medo de que surgisse algum rumor de sua fuga - no carrasco recebeu ordens de abrir as camas e mostrar seu corpo nu e carbonizado pendurado na estaca.”. (WEST. 1994 p.263 e 294).

No dia 23 de maio de 1430, podaram um lírio branco recém-desabrochado, pois Joana tinha apenas dezoitos anos e cinco meses. Sua campanha militar durou pouco mais de um ano. Não acabou com a guerra, mas, graças ao sentimento patriótico inflamado por Joana, os franceses expulsaram os ingleses treze anos após.

Após confirmarem a morte da suposta bruxa, os ingleses apagaram logo as chamas e deixaram o corpo carbonizado de Joana exposto, no mesmo local, por cerca de uma semana, pois todos deveriam se certificar que a “feiticeira” estava morta. Depois reacenderam as chamas até que os despojos fossem consumidos completamente.

As cinzas de Joana receberam uma bela “sepultura líquida”, foi lançada no rio Sena, cujo fluxo termina no Canal da Mancha, ao Oeste, 70 km de Ruão, na sua foz em Le Havre.

No entanto a Guerra dos Cem Anos (116anos, para ser mais preciso) não foi encerrada apenas no campo de batalha. Ambos os lados estavam esgotados, inclusive economicamente. Coube também ao campo diplomático fazer a paz, em 1453, visto que a Inglaterra estava começando a se envolver em uma longa guerra civil pela sucessão do trono real, a dita Guerra das Duas Rosas (1455-1485).

4 OS QUE TÊM A VER JOANA D’ARC COM O ESPIRITISMO KARDECISTA.

Religiões primitivas são religiões sem muito desenvolvimento, sem muita elaboração, sem muita teologia. São primitivas para os etnólogos, não porque seus adeptos sejam selvagens, mas porque essas religiões conservam uma forma originária de religião subsistem os arquetícos na sua pureza primitiva, praticamente sem racionalização. Entre elas costuma-se classificar o politeísmo, animismo, totemismo, manismo, magismo... A umbanda, segundo alguns, e a religião dos Índios fariam parte dessas religiões. Face ao sentido pejorativo o termo “primitivo” tem entre nós, prefiro situar à umbanda entre as religiões espiritualista.

[...]

Religiões espiritualistas são aquelas que têm como fonte a revelação dos espíritos. Classificamos entre elas o espiritismo de Allan Kardec e a umbanda. (WILGES. 1994, p. 24).

Tendo como objetivo de analisar este ponto, quero dizer que estou completamente de acordo com o autor, mais com uma pequena ressalva, pois ele trata do tema de uma forma bem esclarecedora, destruindo preconceitos e colocando a umbanda em uma ordem que lhe é devida é uma pena que o autor não faz o mesmo quando trata da religião dos índios.

Partindo de que a umbanda nasceu de uma seção de mesa branca, onde o caboclo seu Sete Encruzilhadas se fez presente e ao se edificar acabou colocando a

luz do trabalho realizado o preconceito de quase todos da mesa, pois só focou de fora uma médium vidente que enxergava nele uma luz azul e acabou o defendendo dos outra participante da mesa, mesmo assim ele se retirou, mas antes relatou que seria criada uma casa onde todos poderiam trabalhar, dando dia, hora e local onde seria realizador tal feito e assim foi realizado. A umbanda é um local onde todos realizam seu trabalho seja espírito evoluído ou espírito atrasado a mal não esta na umbanda e sim naqueles que pagam para o outro realizar o mal que desejam ao seu irmão, já que somos todos filhos de Deus.

Quando o autor nos falar sobre a religião dos Índios, que é conhecida como Jurema, sim, ele tem toda a razão em forma este pensamento e de dizer que é uma religião espiritualista, mesmo sendo de uma forma primitiva é bem claro em sua cultura religiosa esse contato com os espírito.

E quanto a Doutrina Espirita é a revelação de um saber construído por espíritos superiores. É o saber raciocinado dos espíritos, junto com o homem naquilo tudo que esta em sua volta.

Com a publicação do livro Crônica de além-túmulo, através da psicografia do médium mineiro Francisco Cândido Xavier, em mensagem recebida em 19 de abril de 1935, na cidade de Pedro Leopoldo, por Humberto de Campos (1886 – 1934) na condição de desencarnado.

A seguir um trecho da conversa que o escritor Humberto Campos teve com Judas Iscariotes em Jerusalém, às margens do Jordão, a conversa foi sobre a condenação de Jesus. Desta forma Joana D'Arc entrava definitivamente na Doutrina Espirita.

Em parte... Os escribas que redigiram os evangelhos não atenderam às circunstâncias e as tricas políticas que acima dos meus atos predominaram na nefanda crucificação. Pôncio Pilatos e o tetrarca da Galiléia, além dos seus interesses individuais na questão, tinham ainda o seu cargo salvaguardar os interesses do Estado romano, empenhado em satisfazer as aspirações religiosas dos anciãos judeus. Sempre a mesma história. O Sanedrim desejava o reino do céu pelejando por Jeová, a ferro e fogo; Roma queria o reino da Terra. Jesus estava entre essas forças antagônicas com a sua pureza imaculada (XAVIER, 1937, 05 - JUDAS ESCARIOTES).

Como podemos observar neste texto os escribas que redigiram os evangelhos foram os primeiros a não entenderem as lições dos nossos guias do espaço que são mais eficazes do que as de um professor, mais abundantes, sobretudo, em revelações morais. Essas vias de instrução, que se chamam as Universidades e as Igrejas, quase

não as praticam; seus representantes poucos leem nesse livro de Deus, de que falou Joana, nesse imenso livro do Universo invisível, onde ela haurira sabedoria e luzes! Há nos livros de Nosso Senhor muito mais do que nos vossos.

O senhor tem um livro no qual nenhum clérigo jamais leu, por mais perfeito que seja no clerical. Por estas palavras, faz sentir que os mundos ocultam e divino possuem fontes de verdades, infinitamente mais ricas e profundas do que as nascentes em que bebem os humanos, fontes que se abrem por vezes aos simples, aos humildes, aos ignorantes, àqueles que Deus marcou com o seu selo, os quais encontram neles elementos de saber, que excedem quanto o estudo nos pode proporcionar. A ciência humana nunca é isenta de certo orgulho. Seus ensinamentos cheiram quase sempre a convenção, a afetação, a pedante. Falta-lhe, de continuo, clareza, simplicidade.

As verdades que promanam das altas revelações aparecem, ao contrário, em traços de luz e, com poucas palavras, pela boca dos humildes, resolvem os mais escabrosos problemas. "Eu te bendigo, meu Pai, exclama Jesus Cristo, por teres revelado aos pequeninos o que ocultaste aos sábios".

Na década do século XX, Léon Denis, frequentou os sítios frequentados por Joana D'Arc, no coração da França realizando uma pesquisa bibliográfica sobre Joana.

Na primeira D'Arc e revelou ao mundo mensagem autênticas da Virgem Guerreira, a fim de compor uma biografia, sob a visão espírita: Joana D'Arc: médium. Procurou também resgatar a uma grande de Joana junto aos compatriotas ingratos, pois muitos, incrédulos e materialistas, consideram-na uma grande farsa histórica.

4.1 Joana D'Arc, no Espiritismo, o Que Dizem Sobre Ela.

A ciência foi muitas vezes apontada como um fator de ruptura do cosmo religioso. Fé e ciência não podiam andar juntas. Dizia-se que a fé era inimiga da ciência, e apontava-se logo para o caso Galileu, que teve de renunciar à verdade científica para não ser condenado pela Igreja. No entanto, o desenvolvimento hodierno, no campo das ciências, mostra o contrário. Assim, a psicologia, a psicanálise e a antropologia têm produzido uma reedição do misticismo. Descobriu-se que o ódio tem que ser evitado, não só porque somos filhos de Deus, mas porque traz para a pessoa doenças e infortúnios. [...].

A verdade: Em ciência procura-se fazer com que o conhecimento obtido esteja sempre sujeito à prova e apoiado na observação dos fatos. A razão é o fundamento da ciência, o que não implica verdade

ou superioridade desse saber em relação aos outros. Já na crença religiosa há sempre um espaço para a ambiguidade, que é de outra ordem, porque a verdade é tida como revelação e depende em última instância, da fé. Há ambiguidade porque a razão não pode compreender plenamente as afirmações da religião. Por isso, é possível crer e descrever simultaneamente. (WILGES. 1994 p.10 e 11)

Pode-se dizer que esses pensamentos ainda são válidos nos dias de hoje, sim mais não os deveria, pois estamos em pleno século XXI e ainda pensando e agindo como se estivéssemos nos séculos XV, XVI e XVII. Pois é chegada a hora de todas as ciências reconhecerem que não são a dona da verdade absoluta e que essa verdade poder contar com a ajudar da religião, pois é o que de certa forma mostra o texto, o problema esta no homem que não se aceita e por inveja, orgulho e vaidade ficar amarrado, prejudicando o seu saber, isso quem dever fazer é a religião, pois esta presar aos seus dogmas não a ciência.

Segundo o texto tudo esta na questão da fé, que segundo Jesus é somente acreditar, pois a palavra fé foi uma obra do homem, sim foi o homem que transformou acreditar do outro homem em fé para podê-lo controla-lo. Se eu tenho fé estou sujeito a outro homem e se eu acredito estou sujeito ao que penso, logo estou livre dos outros homens e como Deus nos criou para sermos livres está perto de Deus, assim foi com Joana D'Arc que preferiu acreditar em suas vozes a aceitar a fé dos homens, não aceitava intermediários.

Não é chegada a hora das ciências seja ela qual for a acreditar nos fato e deixar de acreditar na religião ou na fé. Deixar de dizer isso é mito, pois mesmo dentro de uma História sobre um mito se tem uma verdade.

O que diz a Doutrina Espírita sobre Joana? Segundo a Doutrina Espírita nos informa é que através de Humberto Campos, pelo médium Chico Xavier, a última reencarnação de Judas Iscariotes na Terra foi da conhecida francesa Joana D'Arc, queimada nas fogueiras Inquisitórias do século XV, conforme mensagem apresentada no livro Crônico de Além Túmulo.

Por que Deus escolheu ajudar justamente a França? Para os espíritas, o Espiritismo é a Terceira Revelação divina procedendo das Leis Mosaicas e do Evangelho de Jesus Cristo. A Doutrina, não por acaso, surgiu em solo francês. Provavelmente, o desaparecimento da França atrasaria, em alguns séculos, o brotar da revelação trazida pelos Espíritos e organizado por Allan Kardec, cujo marco histórico foi a primeira publicação do Livro dos Espíritos, em 1857.

Uma questão aqui se impõe. Por que escolheu Deus a mão de uma mulher para tirar a França do túmulo? [...] Seria [...] porque a mulher é superior ao homem pelos sentimentos, pela piedade, pela ternura, pelo entusiasmo? Sim sem dúvida, e aí está o segredo da abnegação da mulher, de seu espírito de sacrifício. [...] Porém, a tal escolha presidiu razão de ordem mais elevada. Se Deus, aquilatando da franqueza dos fortes e da prudência dos avisados, preferiu salvar a França por intermédio de uma mulher, de uma menina, quase uma criança, foi, sobretudo, para que, comparado a fragilidade do instrumento com a grandeza do resultado, o homem não mais duvidasse; foi para que visse claramente, nessa obra de salvação, o efeito de uma vontade superior, a intervenção da potência eterna. (DENIS, 2002, p. 228 – 229).

Tal relato, realizado pelo autor, nos esclarece uma das indagações feita por muitas pessoas quando se é colocado o tema em discussão e sempre vem junto com a pergunta por que não a Inglaterra. A resposta é bem simples era a Inglaterra que, possuía um terço das terras da França, sendo essas terras a de maior poder econômico.

A Doutrina Espírita tem divulgado publicações de livros e realizados vários estudos sobre Joana D´Arc, sempre com objetivo de contribuir com a história, e de ajudar aos homens de conhecer o seu passado e de não cometer os mesmo erros já realizadores, procurando trazer estes conhecimentos e entendimento para os homens da existência e da continuação da vida.

Não apenas ouvia as vozes dos "irmãos do paraíso" (assim denominara-os), pois sua mediunidade intensa permitia que também sentisse os adores e tocasse os Espíritos. Perguntada pelos inquisidores se abraçava ou beijava as santas Catarina e Margarida, respondeu: "Abraçei-as ambas" – "Rescendiam perfumes!" – É bom se saiba que rescendiam Perfumes". (DENIS, 2002, p. 47).

Joana D´Arc, durante alguns anos estreitou o contato com os benfeitores espirituais e nos anos subsequentes, até que eles a disseram: "Jeanne, vai te encontrar com o senhor de Baudricourt, comandante de Vaucoulers; tu lhe dirás que ele lhe dê armas, um cavalo e dois fidalgos para te conduzir ao rei, que, por sua vez, te dará militares para levantar o cerco de Orléans. Tu o levarás em seguida a Reims para fazer sua sagração." E assim foi! Anunciando-se enviada por Deus, Joana deu prova inequívoca da fortaleza de sua fé. Para conquistar seus objetivos de retomar Orléans e conduzir o filho de Carlos VI á sagração em Reims, ela encontrou inúmeras dificuldades sem jamais desistir. Sem perder a paz, foi repetidamente ignorada, ofendida, interrogada e até examinada em sua intimidade, a fim de provar sua

virgindade, afinal, segundo a crença medieval, as bruxas não poderiam manter-se castas. Tal qualificação faria seu plano natimorto.

O delfim Carlos, temendo por sua reputação, submeteu a jovem a diversos conselhos formados por teólogos e bacharéis, mas nenhum se opôs à incumbência, por ela recebida por via mediúnica, de dirigir-se a Orléans, cidade sitiada e perigosamente cercada por fortalezas inglesas. Não lhe foi fácil à tarefa de angariar a confiança de graduados militares, acostumados a sangrentos combates.

Por diversas vezes, suas ideias não prevaleceram e as estratégias adotadas levaram os franceses a reveses. Tudo mudou, porém, quando em certa noite, já nas cercanias de Orléans, enquanto dormia, foi despertada por Santa Catherine que lhe disse: “Jeanne, arma-te rápido e vai até o Forte de Saint-Loup, que os franceses atacaram inoportunamente; eles recebem, nesse momento, a pena de sua imprudência. Alguns deles já estão mortalmente feridos; vai ao encontro deles e tu os trarás triunfantes.”.

Ao erguimento de seu branco estandarte, do qual constavam os escritos: “Jesus” e “Maria”, reagiam às tropas francesas munidas de novo ânimo. Assim, passaram a conquistar, incluindo a da noite relatada em Saint-Loup, consecutivas vitórias, até que a oito de maio de 1429, os ingleses deixaram Orléans, sofrendo entre 6000 e 8000 baixas nos três dias antecedentes. Era como um milagre! A primeira parte da incumbência havia sido bem cumprida. A presença de Joana influía, decisivamente, na confiança das tropas francesas que avançaram reconstruindo, cidade a cidade, seu território: Jargeau, Yenville, Beaugency, Patay.

As vitórias sucederam-se após a campanha de Orléans e os ingleses e borguinhões chegaram mesmo a evitar o combate, deixando cidades como Troyes e Châlons, em respeito à fama já conhecida da Donzela libertadora. O objetivo maior da campanha era retomar Reims, cidade onde se localizava a Catedral de Saaint-Remi, na qual, tradicionalmente, ocorria à sagração dos reis de França, o que se deu sem que jorrasse uma única gota de sangue. Joana conduziu, finalmente, o delfim Carlos à pomposa cerimônia de sagração em 17 de julho de 1429, conferindo-lhe o título de Carlos VII, rei de França. Sua incumbência terminara! Ela conseguira! Naquela mesma noite, fora do corpo físico, Joana recebeu a visita dos três santos que a acompanhavam: “Jeanne, tu realizaste na missão que Deus te confiou”.

“Volta para Domremy para buscar, no seio de tua família e de uma obscuridade,

uma felicidade que tu só encontrarás neste lugar.” Não era este, contudo, o interesse do rei, que a sabia capaz de fazer soldados mais fortes e o inimigo, temeroso. Diversas vezes venceu sem sequer haver batalha. Àquela altura, Paris ainda se encontrava sob jugo inglês. O rei viajava de cidade obtendo a submissão do povo, mas ainda faltava Paris. Joana bem solicitou ao rei seu retorno ao lar paterno, mas em vão. Como resposta, apenas a ordem para ficar.

Ciente do término de sua missão espiritual, Joana modificou sua postura, deixando as deliberações aos generais franceses e limitando-se a encorajar as tropas reais, através de suas conduta e palavra. Em pouco tempo, o rei montou cerco a Paris. Soissons, Chateau Thierry, Coulommiers, Baron, Senlis, ST. Denis, Montmartre, todas se tornaram leais a Carlos VII. Em contrapartida, Paris assistia os borguinhões avolumarem-se em meio aos ingleses. O ataque iniciou-se no dia 8 de setembro, ocasião em que Joana foi flechada na coxa. O cenário mudara. Joana reconhecia grande número de invejosos compatriotas em face de seus préstimos ao rei. Naquele dia permanecera ao solo, sem auxílio, até o anoitecer.

As vozes bondosas, então, fizeram-se ouvir: “Jeanne, antes de Saint-Jean, cairás em poder dos teus inimigos; mas te submete à vontade de Deus, ele te ajudará nas proas que te aguardam.” Assim, no fragor da batalha travada a nordeste de Paris, entre as cidades de Margny e Compiègne, ao visitar a linha de frente, o que costumava causar a fuga e o pavor dos inimigos, Joana foi puxada de seu cavalo e capturada pelos seus inimigos. Era 25 de maio de 1430. Reclusa no castelo de Beaulieu, Joana não foi abandonada pelos protetores. Santa Catherine confortou-a na cela: “Jeanne, tem coragem, Deus te ajudará.”

As torturas a que foi submetida na prisão dão-nos a ideia do grau de dificuldade daqueles dias e da fé inquebrantável de que dispunha Joana. Já transferida para Rouen, onde se encontrava o infante-rei inglês, ela foi atirada a uma gaiola de ferro, acorrentada no pescoço, cintura, pés e mãos. “Era extremamente casta, mas essa virtude foi para mim fonte de tormentos; os guardas, sabendo que sempre fui contra os maus costumes, se divertiam em cantar músicas obscenas e em fazer propostas indecentes”.

Não satisfeitos com as palavras, tentaram várias vezes me violentar; faziam isso tanto por eles mesmos quanto para satisfazer o bispo que lhes prometera uma boa recompensa se eles conseguissem tirar minha virgindade. “Caso tivessem êxito, Cauchon poderia facilmente condenar-me como bruxa.” Pierre Cauchon era o bispo

de Beauvais, inimigo capital dos armagnacs (defensores do rei Carlos VII). Embora incompetente, dado que sua jurisdição não alcançava o local em que Joana fora presa, tudo fez para investir-se da qualidade de seu julgador, o que conseguiu, submetendo-a a julgamento religioso, sob a égide da Inquisição.

Tratava-se de manobra astuta para retirar-lhe a fama de heroína. Ante um processo lento eivado de vícios e repleto de interrogatórios arditos, Joana bem aguardou pela ajuda de Carlos VII. Ela acreditava que poderia libertar-se, ainda que as negociações exigissem vultos quantia do tesouro francês. Todavia, a cada novo dia somente as armadilhas de Cauchon lhe visitavam. Infligindo-lhe pesados tormentos psicológicos, o bispo de Beauvais, na qualidade de Juiz do processo, de tudo fez para acusa-la de heresia.

5 A Construção da Educação no Brasil e a Formação dos Professores

Tendo como objetivo de avaliar o que os livros didáticos apresentam sobre a Guerra dos Cem anos e sobre Joana D'Arc, dando início a essa pesquisa. Que tem na construção da Educação brasileira e na formação de professores. A contribuição dos padres jesuítas, mais logo após a sua expulsão do Brasil passou para o poder público e desde essa época se tem deixado para um segundo plano.

Uma vez expulso os jesuítas, cessa esse processo de formação, sendo o ensino substituído pelas chamadas aulas régias destinadas à nobreza, que se caracterizava por um elenco de disciplinas relacionadas à Letras, Gramática, Latim e Grego. Era um ensino fragmentado, desorganizado, sem objetividade. (OLIVEIRA. 2013, p.14)

Assim sendo tornou-se uma questão política mal conduzida devida a falta de interesse dos nossos representantes. Mais uma coisa pode nos chamar a atenção é que foram justamente buscar um modelo de formação de professores na França.

Devido à falta de recursos financeiros no ensino brasileiro a situação era bem estável, faltando estrutura física e o despreparo dos professores que não tinham uma formação didática pedagógica de qualidade, mesmo assim podemos dizer que se teve um avanço na busca de uma formação de professores no ensino primário no Brasil.

A primeira dessas escolas foi a de Niterói, criada pela Lei 4 de abril de 1835, que tinha como missão, formar professores para o ensino primário. Assim podemos

constatar que os nossos governantes estavam dando mais um passo na construção de nossa Educação segundo a autora.

Fato esse que continua com a criação do Centro de Estudo Pedagógico para o nível Superior, como podemos observar.

Foi no bojo da revolução de 1930, na chamada era Vargas, que foi dada maior atenção ao Ensino Superior, e juntamente com as reformas de 1920 e 1930, o poder público contribuiu de forma significativa para o desenvolvimento profissional dos professores. Também na década de 1930 foi criada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, e através dos Institutos de Educação, é dada a formação de professores para a educação secundária. O Curso de Pedagogia foi efetivado pelo Decreto-Lei no 1.190 de 4 de abril de 1939, quando da organização da Faculdade Nacional de Filosofia. Dando um avanço no tempo, vamos encontrar uma série de reformas após o golpe militar de 1964; destacando-se a Lei 5.540/1968 da Reforma Universitária, a Lei 5.692/1971 que regulamenta o então chamado ensino de 1º e 2º graus e a Lei 9394/96, que continua vigente no Brasil.

Pontuando a questão da formação de professores, vamos nos fixar um pouco na atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – Lei 9.394 de dezembro de 1996, destacando o Título VI que trata dos Profissionais da Educação. Vejamos o que nos diz a LDB: (OLIVEIRA. 2013 p.15 e16).

Outro momento em que a Educação no Brasil da uma melhorada devido à criação de Leis, diretrizes e na forma de professores no Brasil, pois como podemos observar foram bem significativas, mais que não chegaram a toda à população.

No cenário das grandes mudanças mundiais no início da década de 90, a Formação de Professores passou a ter uma maior atenção por parte dos governantes, e no Brasil, não poderia ser diferente. A política educacional em nosso país priorizando a Formação de Professores motivou a realização de vários estudos e pesquisas para analisar esse processo, destacando-se as produções de Weber (2000); Pimenta (2000); Dourado (2001); Linhares e Leal (2002). (OLIVEIRA. 2013, P.13).

5.1 Como São Relacionados a História de Joana D´Arc e a História da Guerra dos Cem anos nos Livros Didáticos e no Sistema de Ensino Brasileiro?

Quando mim foi apresentado a História da Guerra dos Cem anos e a participação de Joana D´Arc, pensei como seria apresentado nos dias atuais, na Educação brasileira. Procurando trazer para o centro da discussão realizamos uma

pesquisa com o objetivo de entender o que é ensinado aos nossos alunos sobre o tema e de Joana D´Arc, durante a vida acadêmica, partindo do ensino fundamental I, passando pelo ensino fundamental II, e pelo ensino Médio, e realizando uma pesquisa sobre o que se tem ensinado na Educação De Jovem e Adulto (AEJA) e finalizando o que se tem aprendido sobre o tema no curso de licenciatura de História. No curso de licenciatura não consta no currículo, nada sobre o tema, ficando assim devendo um amplo debater sobre esta parte importante da História.

Podemos observa claramente nos livros didáticos que são produzidos para os alunos da Educação de jovens e Adultos, que eles trazem uma grande falta de informações sobre a Guerra dos Cem anos e sobre Joana D´Arc, principalmente no ensino médio da AEJA, a falta destas informações por de parte dos professores e nos livros didáticos, utilizados por esses alunos, contribuem para um desconhecimento total de uma parte da História da humanidade que contribuiu e muito com o conceito de patriotismo das nações.

Muitos e vários olhares vêm sendo lançados sobre o livro didático nos últimos anos: um olhar pedagógico, que avalia qualidade e correção, que discute e orienta a escolha e o uso; um olhar político, que formula e direciona processos decisórios de seleção, distribuição e controle; um olhar econômico, que fixa normas e parâmetros de produção, de comercialização, de distribuição. Avaliar qualidade e correção, orientar escolha e uso, direcionar decisões, fixar normas... São olhares que prescrevem, criticam ou denunciam; por que não um olhar que investigue, descreva e compreenda? Olhar que afaste o "dever ser" ou o "fazer ser", e volte-se para o "ser"- não o discurso sobre o que "deve ser" a pedagogia do livro didático, a política do livro didático, mas o discurso sobre o que "é", o que "tem sido", o que "foi" o livro didático. (SOARES, 1996, p.53)

Mesmo com esse controle, todos os livros utilizados pelos alunos que são produzidos por grandes Historiadores e produtores dos livros didáticos, que são utilizados nas escolas de ensino público, demonstram essa falha em suas grades curricular. Como se relatar no texto acima transcrito, somente com todas essas fiscalizações para que se possa melhora a qualidade dos livros didática a cada ano, mas ainda hoje ainda apresenta uma qualidade bem longe do ideal.

No ensino fundamental I, no fundamental II, e na Educação de Jovem e Adulto as coisas se modificam, pois as produções de livros são bem maiores mais os erros ainda são os mesmo, textos bem pequenos, onde todo o conteúdo e apresentado em uma página dos livros didáticos. Os temas são apresentados aos alunos quando está no 6ª ano estudando História medieval, mais com uma pobreza de conteúdo literário

e é claro a construção de pequenos e sem grandes informações sobre a Guerra dos Cem anos e sobre Joana D´Arc que é apresentada sempre como uma mulher que participou desta guerra mais que teve pouca influência.

Os ingleses venceram as batalhas iniciais, apoderando-se de grande parte do território francês. Mas essas vitórias intensificaram a união e a resistência da população francesa. O principal símbolo dessa união foi Joana D´Arc, uma jovem camponesa que obteve vitórias contra os exércitos ingleses, reanimando os franceses.

Assustados com a jovem camponesa, os ingleses conseguiram aprisioná-la. Julgada por heresia foi condenada à morte numa fogueira. Mas isso não impediu que os franceses retomassem os territórios perdidos e expulsassem os ingleses. (PILETTI, 2010, p.33).

O presente texto em destaque nos apresenta todas as informações em dois parágrafos e com certa discordância, pois em momento algum as vitórias dos ingleses ajudaram a unir a França, pois a desunião durou todo o período da guerra, e só houve certa união foi entre os pobres em torno do rei e de Joana D´Arc.

Em seis parágrafos, três são de introdução, dois de informações e o último de conclusão, sendo um texto de completa discordância dos fatos, pois os autores chegam a dizer que a guerra acabou com a vitória da França sobre a Inglaterra, fato que não aconteceu já que foi assinado um tratado de Paz assim encerrando uma guerra de 116 anos.

No livro Saber e Fazer História do 6ª ano no capítulo 13, onde se trata da Sociedade Feudal e do Ocidente medieval. Com apenas um terço de uma página do livro, os historiadores responsáveis pela produção deste livro, relatam a História da Guerra dos Cem anos para os alunos do ensino fundamental II, sem fazer qualquer referência sobre Joana D´Arc e a sua participação no conflito entre ingleses e franceses.

[...] Ao mesmo tempo, desejava dominar a região de Flandres (atuais Bélgica e Holanda), grande produtora de tecidos. (PILETTI, 2010, pag. 33).

Podemos perceber claramente a divergência entre as informações publicadas nos livros, realizados por grandes professores que ostentam grande título acadêmico que só contribui para uma formação cheia de conflitos intelectuais, são divergências infantis para grandes mestres.

A conclusão em que chegamos é que os textos apresentam certas características

de aparência, de oitenta por cento de seu conteúdo em todos os livros pesquisado, fato este que não se termina, pois todos apresentam o conteúdo em uma página, ou em meia página. Outra observação realizada é que às fotos (fotos reproduzida de quadros pintada a mando da nobreza com o intuito de engrandecimento do fato realizado), colocada nos livros didáticos sempre trazem os homens em combates com destaque para aqueles que têm o poder de administra o poder local. Ficando assim tão claramente a reprodução por parte dos Historiadores a História de superioridade dos homens.

E por fim vamos relatar o tratamento dado a Joana D'Arc, primeiro é sobre os textos que dão pequenos destaques das suas realizações na Guerra, no fim trágico, noventa e oito por cento de identificação entre eles, com uma clara demonstração de plágios coletivos,

6 CONCLUSÃO

A conclusão em que podemos chegar, é que a Igreja Católica e seus representantes não poderiam ter condenado Joana D'Arc à fogueira Inquisitória pela prática de bruxaria, já que os argumentos apresentados por seus acusadores não faziam parte daquilo que a Igreja aceitava como bruxaria.

Ser bruxa naquela época para a Igreja era ter o conhecimento sobre a propriedade curativa das plantas e desempenhavam algum tipo de atividade na comunidade rural onde residiam. As possuidoras dessa sabedoria oral da medicina empírica, as mulheres, sobretudo as mais velhas e mais pobres, além de saber os segredos da cura, também eram suspeitas de conhecer as receitas para enfeitiçar. O clima de desconfiança em relação ao sexo feminino tinha também preferências profissionais, e certos ofícios tipicamente femininos culminavam na lista de denúncias. As curandeiras, figuras vitais para uma sociedade em que a medicina era ainda principiante e inalcançável para a maioria, tomavam-se hereges e suspeitas de um momento para o outro.

As parteiras eram ainda mais visadas e consideradas perigosas. Em uma época em que a taxa de mortalidade infantil era altíssima, frequentemente eram acusadas de deixarem as crianças morrerem para utilizar seus corpos em bruxarias.

Joana D'Arc não poderia ser condenada pela Igreja Católica pelo simples fato de não se encaixar nos critérios da Igreja, mas menos assim foi condenada e não pelo simples fato de ela ver e ouvir os Santos da Igreja Católica ou muito menos pela prática de usar roupa masculina, mesmo ela transgredindo a ordem social de sua época a sua pena não poderia ser a morte na fogueira Inquisidora. Então o que levou Joana D'Arc a morte? Foi simplesmente ter desconstruído uma ordem social em um território onde se estava construindo toda a economia Mundial naquela época e de ter afrontado os representantes do poder político, como exemplo eu poderia relatar o fato de ela ser mulher e imputar várias derrotas ao exército Inglês e ao seu rei, fato esse de grande significância, pois era uma humilhação tanto no campo de guerra como moral, como seria visto esse rei perante o seu povo e perante aos outros reis, se não realizasse a destruição daquela que tanto o envergonhou, em sua época e na História.

ABSTRACT

In this work, the objective is to carry out a research and the search for a discussion about the various constructions about Joana D'Arc and the Hundred Years War, through the centuries, could perceive that it is a history that is at constantly transformation through the centuries, and today, since it was built in the middle of the fifteenth century, in the middle of the Middle Ages, a period marked by hunger, plague, much violence and mainly by the predominance of the Christian religion that greatly influenced at the construction of image of women, where the view about the women was determined by patriarchal and Christian power. Joana D'Arc is the woman who confronted the society, the Church, the political system of her time, and that contributed a greatly a new deal of economic and geographical order, since she regained the entire territory of France. In order to understand it better, we conducted a study about Inquisition as a system or institution that, for several centuries, persecuted thousands of women, and especially the young Joana, among other groups, due to the condition that the young woman had to see and hear the Catholic Church Saints, Joana D'Arc was 13 years old with the vision of Saint Michael about the need to do new missions, from Santa Catarina and Santa Margarida that would come in the name of God to fulfill a mission, and to give orders to Joana D'Arc for leads France in the Hundred Years' War against England, **this fact** was used by representatives of the Catholic Church in the service of the king of England to condemn her to death. In this same text we present texts of great historians who will contribute and much for our knowledge, of the facts realized in that period that the fight was unfolding for the coronation of the Delfin Carlos, future king of the France, Carlos VI.

Keywords: Joan of Arc, religion, Inquisition.

REFERÊNCIA

- BERNARD, José, S.J. **Joana D'Arc/ A Donzela de Orléans**, Vozes Em Defesa Da Fé, Editora Vozes Limitada, Petrópolis, RJ. 1961.
- DENIS, Léon. **Joana D'Arc: médium**. Tradução Guillon Ribeiro. Rio de Janeiro: FEB, 2002, 20ª ed.
- JUNIOR, Hilário Franco. **A Idade Média**, Nascimento do ocidente / Hilário Franco Júnior. – São Paulo: brasiliense, 2006. 5ª reimpr. 2 ed. de 2001.
- KARMER, Heinrich. SPRENGER, James. **Malleus Malleficarum: O martelo das feiticeiras**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1995.
- KARDEC, Allan **A Gênese**. Trad. Guillon Ribeiro, 5 edição francesa. Rio de Janeiro: 41ª edição. Federação Espírita Brasileira, 2002.
- _____. **O Evangelho Segundo o Espiritismo**. Trad. Guillon Ribeiro, 3ª edição francesa. Rio de Janeiro: 110ª edição. Federação Espírita Brasileira, 1995.
- _____. **Livro Dos Espíritos**. Trad. Renata Barboza da Silva, Simone T. N. Bele da Silva. São Paulo: Petit, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **História**. In. _____. História e memória. 2ª ed. Campinas: Edunicamp, 1992.
- _____. **O Imaginário Medieval**. Coleção Nova História Editora Estampa. 1994.
- _____. **Uma Longa Idade Média**. São Paulo, SP: Civilização Brasileira, 2008.
- _____. **As raízes medievais de Europa** / Jacques Le Goff; tradução de Jaime A. Clasen. 4. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- MACEDO. José Rivair. **A mulher na idade Média** / José Rivair Macedo. 4ª ed. – São Paulo: Contexto, 1999.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência Didática Interativa No Processo de Formação de Professores**. 2013, Editora Vozes Limitada, Petrópolis, RJ.
- PILETTI, Nelson. **EJA – Educação de Jovem e Adulto: história**, 5ª a 8ª séries / Nelson Piletti, Claudino Piletti. – 1. ed. São Paulo: Ática, 2010.
- RIZZINI, Carlos Toledo. **Evolução para o terceiro milênio**. Sobradinho-DF: Edicel, 1996.
- SILVEIRA, Adelino Da. **Chico de Francisco**. Capítulo "Conversas do Chico com Emmanuel 2", Rio de Janeiro, Editora Cultura Espírita, CEU. 1987.
- SOARES, Magda Becker. **Um Olhar sobre o livro didático: Presença Pedagógica**, Belo Horizonte, MG, v.2, n.12, p.54-63. nov./dez. 1996.

S.J., José Bernard. **Joana D´Arc: A Donzela de Orléans**, 1961, Editora Vozes Limitada, Petrópolis, RJ.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral**. São Paulo: Scipione, 2002.

WEST, Victoria Sackville. **Santa Joana D´Arc**, 1994. Editora nova Fronteira. Rio de Janeiro.

WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa: as religiões no mundo** / Irineu Wilges. – 6. Ed. ver. e atual. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

XAVIER, Francisco Candido. **Crônicas de Além- Túmulo/ 05 - JUDAS ESCARIOTES**, Pelo Espírito Humberto de Campos, FEB, 1937.